

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

A PRESENÇA FEMININA E O
NACIONALISMO EM *SUEÑOS Y REALIDADES*,
DE JUANA MANUELA GORRITI

CECÍLIA DE SOUZA BORBA

Rio Grande, 21 de setembro de 2017

CECÍLIA DE SOUZA BORBA

A PRESENÇA FEMININA E O
NACIONALISMO EM *SUEÑOS Y REALIDADES*,
DE JUANA MANUELA GORRITI

Dissertação Apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras – Mestrado
em História da Literatura da
Universidade Federal do Rio Grande,
como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Letras.

Orientador:

Prof. Dr. Artur Emilio Alarcom Vaz

Instituição depositária: SIB – Sistema de Bibliotecas

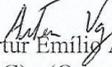
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Rio Grande, 21 de setembro de 2017

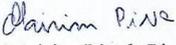
Cecília de Souza Borba

A presença feminina e o nacionalismo em Sueños y realidades de Juana Manuela Gorriti

Dissertação aprovada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração em História da Literatura, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande. A Comissão de Avaliação esteve constituída pelos seguintes professores:


Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz
(FURG) - (Orientador)


Prof^ª. Dr^ª. Célia Rosana Dias Goulart
(Unipampa)


Prof^ª. Dr^ª. Mairim Linck Piva
(FURG)

CECÍLIA DE SOUZA BORBA

A PRESENÇA FEMININA E O
NACIONALISMO EM *SUEÑOS Y REALIDADES*,
DE JUANA MANUELA GORRITI

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador:

Prof. Dr. Artur Emilio Alarcom Vaz

Banca examinadora

Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz – FURG (Orientador)

Profa. Dra. Cátia Goulart (UNIPAMPA)

Profa. Dra. Mairim Linck Piva (FURG)

Rio Grande, 21 de setembro de 2017

A memória de Juana Manuela Gorriti
A todos que de alguma forma me ajudaram durante a minha trajetória
A todos aqueles que acreditam que os sonhos um dia se realizarão

AGRADECIMENTOS

Agradeço a produção deste trabalho a minha família por todo carinho, amor, força, dedicação e compreensão, iluminando sempre tanto minha trajetória acadêmica quanto minha caminhada de vida. Ao meu esposo, parceiro, amigo e companheiro por todo incentivo, amor, carinho, compreensão e dedicação, sempre acreditando que eu seria capaz de finalizar este trabalho.

Ao meu orientador e amigo professor Artur Emilio Alarcon Vaz, por toda a paciência, incentivo, por acreditar em mim como pessoa e profissional sempre e por toda a ajuda e dedicação na orientação de minha pesquisa. A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em História da Literatura e aos professores do curso de Letras Português Espanhol, principalmente às professoras Joselma Noal e Daniele Corbeta Piletti por terem me apresentado a obra de Juana Manuela Gorriti.

El gesto mío

“Fulgura tal cantidad de estrellas esta noche, que me pregunto cómo puede haber en el cielo espacio para tanto lunar de oro. Tal vez por eso, a ratos, algunas se desprenden, quizás empujadas por las otras, que quieren sitio, y cruzan la alta sombra como una flecha rubia. Yo no me canso de mirar y mirar el cielo esta noche. E inconscientemente, cuando veo desprenderse una estrella, alargo la mano con absurda pretensión de apresar a la vagabunda. ¡Ay! ¡Es un gesto muy mío éste, de tender siempre las manos hacia las cosas más imposibles!”

Juana de Ibarbourou, *El cántaro fresco*

“¡Si estoy harta de esta vida civilizada!
¡Si tengo ansias sin nombre de ser libre y feliz!
¡Si aunque florezca en rosas, nadie podrá cambiarme
La salvaje raíz!”

Juana de Ibarbourou, *Raíz salvaje*

RESUMO

A escritora argentina Juana Manuela Gorriti (1816-1892) sempre esteve envolvida com questões políticas e sociais marcantes para o contexto hispano-americano do século XIX e essas questões aparecem fortemente em seus escritos, sendo indispensável analisar, em sua obra, a imagem representativa destes embates para a construção do ideário nacionalista e o papel que as personagens femininas desempenham neste contexto.

Na presente dissertação, centrou-se a análise no livro de contos *Sueños y realidades* (1865), primeira obra de Gorriti, com a intenção de proporcionar uma leitura crítica baseada na visão nacionalista da autora sobre o contexto histórico e social da época, tendo em vista o papel feminino representado por suas personagens, que agem como indivíduos ativos dentro de uma sociedade opressora e conflituosa, destacando questões sentimentais, históricas, sociais e políticas atreladas à imagem do nacionalismo construída através dos anos.

O estudo da obra da referida autora também é importante no contexto brasileiro, já que são poucas as pesquisas em língua portuguesa e, através de seu estudo, planeja-se a reorganização das histórias literárias e a inclusão dessa escritora nas pesquisas sobre literatura de autoria feminina no Brasil.

Palavras-chave: Nacionalismo; Literatura Argentina; Juana Manuela Gorriti.

RESUMEN

La escritora argentina Juana Manuela Gorriti (1816-1892) siempre estuvo involucrada con cuestiones políticas y sociales intensas en el contexto hispanoamericano del siglo XIX y esas cuestiones aparecen fuertemente en sus escritos, siendo indispensable analizar, en su obra, la imagen representativa de estos embates que construyen el ideario nacionalista y el papel que los personajes femeninos desempeñan en este contexto.

En la presente tesis de maestría, se centró el análisis en el libro de cuentos *Sueños y realidades* (1865), primera obra de Gorriti, con la intención de proporcionar una lectura crítica basada en la visión nacionalista de la autora sobre el contexto histórico y social de la época, teniendo en cuenta el rol femenino representado por sus personajes, que actúan como individuos activos dentro de una sociedad opresora y conflictiva, destacando cuestiones sentimentales, históricas, sociales y políticas unidas a la imagen del nacionalismo construida a través de los años.

El estudio de la obra de la referida autora también es importante en el contexto brasileño, ya que son pocas las investigaciones en lengua portuguesa y, a través de su estudio, se planifica reorganizar las historias literarias e incluir esa escritora en las investigaciones sobre literatura de autoría femenina en Brasil.

Palabras-clave: Nacionalismo; Literatura Argentina; Juana Manuela Gorriti.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1 O PENSAMENTO NACIONALISTA	15
2 JUANA MANUELA GORRITI: LA FLOR DE LA MALEZA	18
3 LITERATURA, SOCIEDADE E IDENTIDADE FEMININA	23
3.1 A construção do ideário nacional em <i>Sueños y realidades</i>	23
3.2 A importância da mulher na sociedade nacionalista	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	80

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para esclarecer as motivações que me levaram a realizar a presente dissertação, é necessário ressaltar aspectos importantes de minha trajetória acadêmica.

Quando ingressei na FURG para estudar minhas duas paixões (a literatura e o espanhol), comecei logo a fazer planos para um futuro mestrado. E foi através de uma disciplina optativa que fui convidada a participar do projeto de tradução “Juana Manuela Gorriti: análise e tradução”, coordenado pela professora Daniele Corbetta Piletti. Desta forma, obtive ainda na graduação o primeiro contato com a autora que escolhi para ser meu objeto de estudo da dissertação. Deste trabalho no projeto, foi gerada, em 2013, a minha primeira publicação: a tradução do conto “El guante negro”, na revista *Mafuá* (UFSC).

Já no mestrado, a disciplina “Literatura de Expressão Feminina” levou-me a estudar – nos contos de Gorriti – a representação da mulher frente à sociedade, já que este tema é bem forte em sua obra. No entanto, os escritos da autora argentina também são recorrentes na questão do nacionalismo.

Outro fato que também justifica este estudo é a questão do reconhecimento de Gorriti no Brasil, pois mesmo tendo sido reconhecida nos países hispano-americanos e suas obras traduzidas para outras línguas, como o inglês e o alemão, a autora não possui sua obra traduzida para a língua portuguesa, e há ainda poucos trabalhos e projetos desenvolvidos sobre ela no Brasil. Assim, esta dissertação tem a motivação de dar reconhecimento a uma autora tão importante e oriunda do nosso país vizinho, a Argentina.

Leonor Fleming (2010) e Félix Luna (1999) dissertam sobre a vida da autora e suas relações com o meio social e a política, como também seu ofício de escritora. Já Fernanda Bueno (2012) e Clara Agustina Suárez Cruz (2005) tratam de questões sobre o ser escritora e a posição de Gorriti como mulher na sociedade do século XIX, destacando a sua importância na literatura hispano-americana da época e a força para lutar por seu lugar como profissional das letras.

Bueno afirma que “Gorriti prova ser transgressora em sua escritura por ser a primeira mulher a abordar a história de uma mulher transgressora e retratá-la como tal”

(2012, p. 3), enquanto Fleming expõe que “por el camino de libertad que encuentran en las letras, por la entrega a una causa única que incluye vida y literatura. Juana Manuela Gorriti encarna estos problemas y resulta ser una figura emblemática” (2010, p. 14). Ambos consideram Gorriti uma mulher engajada nas causas políticas e no ofício da escrita com força para transpor as barreiras do meio intelectual e dos escritos literários que até então eram reservados aos homens.

Pensando na mulher na sociedade, é indispensável que, tratando de Gorriti como escritora, percebamos a noção de estudos já feitos sobre a relação da mulher intelectual na sociedade do século XIX, como é evidenciado em Tatiana Mariano Feitoza (2009, p. 21): “As obras de conteúdo político escritas por mulheres contradizem a noção de que a mulher do século XIX não saía do ambiente privado do lar e não manifestava interesse político, característica, ao contrário, tão presente naqueles anos”.

Novamente trago Cruz (2008, p. 1) para elucidar sobre a variante de autoras que estabelecem sua relação de pesquisa e reconhecimento por Gorriti e seus escritos:

O século XIX resulta surpreendente na produção escrita de mulheres que se animaram a se expressar tanto em língua espanhola como em língua portuguesa. Produção sempre feita dentro dos padrões estéticos do Romantismo, mas respondendo, às vezes, aos apelos dos novos tempos que reclamavam uma participação, embora tímida, das senhoras que liam e sabiam escrever. Essa participação teve, nas letras argentinas, Juana Manuela Gorriti como representante ativa.

Além de Cruz, Sara Beatriz Guardia mostra temas importantes sobre o feminino e a importância de “interpretar o silêncio das mulheres escritoras”, pois muito do que não está escrito no papel está dito no calar feminino frente a uma sociedade e a um discurso dominado pelo masculino, em que a mulher luta por uma identidade que lhe é todo tempo negada.

É imprescindível ainda destacar a importância de a mulher ganhar voz, ser valorizada pelo que escreve e poder exercer sua intelectualidade no panorama literário, que tradicional, exclui e marginaliza as mulheres. Nesse contexto, vemos:

Los estudios de género, por su vez, inicialmente centrados en el análisis de las “representaciones de la mujer” también en la literatura de autoría masculina, se abren hoy a una nueva etapa,

que exige una doble tarea del investigador, donde, partiendo del rescate de fuentes, de obras literarias escritas por mujeres, desconocidas o olvidadas, se puede descubrir un panorama literario mucho más rico y complejo de lo que la visión canónica permitía configurar, desafiando sus marcos y conceptos, ensanchando la serie literaria y sus manifestaciones para incluir nuevas miradas y voces heterogéneas. (SILVA, 2012, p. 165)

Definindo a luta do feminino, desde o século XIX, para firmar-se e ganhar respeito como intelectual na sociedade e não simplesmente dona de casa, a mulher busca por autonomia e é, através de escritoras como Gorriti, que se percebe esta luta incessante por reconhecimento.

Como vemos em Batticuore (1993, p.14) que ao estudar a obra de Gorriti percebeu que: “Entre las luchas y conspiraciones que son el escenario constante de sus textos, hay dos emergentes seguros: las guerras de la independencia y la guerra civil, donde la historia individual y de la patria se confunden”. Também é possível destacar as ideias de Heloísa Buarque de Hollanda, mostrando a ligação entre mulher e nacionalismo:

Na mesma direção, outra vertente de estudos feministas, mais diretamente ligado às especificidades da pesquisa da produção cultural latino-americana, aponta um campo de investigação interessante. É o estudo da produção dos discursos sobre o nacionalismo e da construção da ideia de identidade nacional, um dos eixos centrais do debate cultural em nossos países a partir da segunda metade do século XIX. (HOLLANDA, 1994, p. 15)

Na medida em que se pensa às relações femininas postas ao lado das questões nacionalistas, percebemos que o meio histórico, que contextualiza a realidade social do século XIX e que é representado nos contos do primeiro livro de Gorriti, faz pensar a construção dessas identidades femininas a partir das personagens criadas pela autora. Vemos também que as mesmas possuem uma grande importância na construção e na ruptura social, relacionando-se diretamente com a construção dos ideais nacionalistas que, através deste estudo, traz uma tentativa de estabelecer relações e destacar, como fatos históricos e questões identitárias de uma sociedade e de um grupo determinado (no

caso, o das mulheres) podem ressignificar e trazer interpretações e reflexões por meio da literatura.

Neste sentido, é importante saber que, além das questões abordadas em relação ao nacionalismo e às identidades femininas na obra de Juana Manuela Gorriti, também foram encontrados estudos que mostram outras temáticas importantes que são observadas em seus escritos como a questão indianista e as origens da pátria nos povos indígenas de acordo com Luna (2011).

A obra da autora, variada e multifacetada, percorrendo os campos da biografia, dos contos fantásticos, de livro de receitas e da memória autobiográfica, possui uma forte presença dos conflitos que, desde criança, a autora pode presenciar no seio de sua família. Outro assunto tratado pela autora é a presença do fantástico que se apresenta, muitas vezes, atrelado às questões referentes à mulher, como podemos ver em Irene S. Coromina (2009), mas, na maioria dos trabalhos pesquisados, as temáticas encontradas possuem um cunho mais social, destacando a arte de Gorriti como escritora, seu engajamento político ou as questões do feminino.

Dessa forma, o foco da presente dissertação será a análise do nacionalismo e das identidades femininas representados na obra de Gorriti, estabelecendo a importância social e intelectual da mulher na história. Para isto, iremos nos valer de teóricos que trabalham com estas duas temáticas no primeiro capítulo.

O segundo capítulo tratará da vida e obra de Juana Manuela Gorriti, centrando-se nessas duas temáticas para, no terceiro capítulo, analisar os contos selecionados no livro *Sueños y realidades*.

1 O PENSAMENTO NACIONALISTA

Este primeiro capítulo tratará do tema do nacionalismo, assunto que irá permear a maioria dos contos analisados na presente dissertação. Neste sentido, é necessário realizar uma discussão acerca do que se pode considerar uma nação ou não, como se constroem as nações e os problemas sociais que derivam desta construção e da implantação de novas ideias na sociedade. Desta forma, é possível pensar, primeiramente, em quais conceitos de nação e nacionalismo que existem e como é importante enxergar e levantar estas questões tendo como base de estudo a literatura.

Ernest Renan dá origem às discussões do que se pode compreender como nação, enquanto Eric Hobsbawm (1989, 2005) posteriormente discute ideias como a visão de nacionalidade e nacionalismo foram criadas a partir do século XIX. Observamos que a ideia de nacionalismo vai muito além da reunião de pessoas por etnia, idioma, fé ou região. O nacionalismo é uma construção cultural:

O homem não é escravo nem de sua raça, nem de sua língua, nem de sua religião nem do curso dos rios nem da direção das cadeias de montanhas. Uma grande agregação de homens, sã de espírito e quente de coração, cria uma consciência moral que se chama nação (RENAN, 1882, p. 20).

Desta forma, a ideia de nação vem corroborar com a literatura no sentido de que Gorriti traz em seus escritos o espírito deste conjunto e desta possibilidade de consciência moral. A busca por esta unidade é constante na obra da autora, mas ela não se mostra de todo possível devido à ruptura através dos conflitos entre unitaristas e feralistas e entre indígenas e espanhóis. Há a tentativa de mostrar a ideia de nação na valorização do índio e nas origens da terra, mas as divergências étnicas e políticas não permitem de um todo que isto aconteça e se faça presente de maneira total na obra de Gorriti.

O nacionalismo é uma busca constante na obra da autora e isso faz com pensemos o porquê desta valorização e presença na trajetória literária de Gorriti, se esta questão é positiva ou negativa se ela vai se manter em todos os contos e se através dele vamos poder analisar de formar mais completa as narrativas, tendo a clareza do porquê ele irá surgir como ideologia nas narrativas da autora.

Através dessas ideias é que se colocará em discussão as duas faces do nacionalismo, mas não se está procurando alternativas para caracterizá-lo como negativo ou positivo, mas perceber como os teóricos o concebem e ter conhecimento de que – por trás de uma definição – há diversos processos políticos, sociais e históricos que se modificam a todo momento, como afirma Ernest Renan: “a existência de uma nação é um plebiscito de todos os dias, como a existência do indivíduo é uma afirmação perpétua da vida” (RENAN, 1882, p. 19). Acredita-se que o nacionalismo vem de um movimento, de uma construção e de processos que se estabelecem a partir das ideias de uma elite, que vai estabelecendo como o povo deve viver.

Desta forma, perceber a ideia de nacionalismo e as questões sociais é ter em mente “o paradoxo do nacionalismo era que, ao formar sua própria nação, automaticamente criava contra-nacionalismos para aqueles que, a partir de então, eram forçados à escolha entre assimilação ou inferioridade” (HOBSBAWM, 2005, p. 145), mostrando que toda ideologia tem seus dois lados e, assim, os menos favorecidos financeiramente, aqueles que não possuem poder social, acabam tendo que aceitar uma situação que não se encaixam, causando uma problemática ainda maior. Como vemos, novamente tratando-se da implantação do nacionalismo:

À medida que mobilizava alguns habitantes, alienava outros – os que não pertenciam nem desejavam pertencer à nação identificada com o estado. Em suma, auxiliava a definir as nacionalidades excluídas da nacionalidade oficial por meio da separação de comunidades que, por qualquer motivo, resistiam à linguagem e à ideologia, pública, oficial. (HOBSBAWM, 1989, p. 214-215).

Assim, neste contexto de discussão e debate sobre as ideias de construção, conceitualização e aplicação das ideias nacionalistas no século XIX, é preciso perceber na literatura como podemos interpretar e ressignificar estes processos e conscientizar de que: “a nação, como o indivíduo, é o resultado de um longo processo de esforços, de sacrifícios e de devotamentos”. (RENAN, 1882, p. 18). Devemos ter atenção sobre as importâncias dos acontecimentos políticos e sociais que se estabelecem e que são representados na literatura, mas não esquecer os dois lados que uma ideologia carrega e das possibilidades e contratempos que podem infringir na população de diferente *status* social.

Presente na obra de Gorriti, o nacionalismo mostra-se como pano de fundo de vários contos do primeiro livro da autora *Sueños y realidades*. No conto “El guante negro”, estabelece-se uma relação de conflito entre as personagens que, ao mesmo tempo em que formam um triângulo amoroso, possuem ideias políticas diferentes em relação ao ditador Rosas, marcando o conflito entre unitaristas e federalistas. Os contos “El lucero del matantial” y “La hija del Mashorquero” também estabelecem relações diretas com a história política e militar do século XIX, destacando que as noções de nacionalismo já se mantinham acessas neste período, influenciando os autores da época e misturando realidade e literatura, como nas obras em que Gorriti mostra ações e conflitos políticos de uma época em que a ideologia nacional estava para definir-se.

Também percebemos a busca pelo ideário nacional através dos contos *La quena*, *El tesoro de los incas* e *Si haces mal no esperes bien*, Nestas três narrativas se destaca fortemente a imagem dos indígenas e sua cultura, assim como as tradições e origem da terra que aparecem com os índios, povo pioneiro na América. Afim de caracterizar o povo hispanoamericano em sua origens, visando a presença do nacionalismo, Gorriti trará a imagem de índios e índias como heróis nacionais e ao mesmo tempo mártires que foram sacrificados na relações de poder que os espanhóis estabeleceram sobre os indígenas.

Além destes referenciais, houve também o estudo sobre algumas temáticas que envolviam as questões entre mulher e sociedade, como em Mary Louise Pratt (1994), Clara Agustina Suárez Cruz (2008) e Sara Beatriz Guardia (2014), pois todas abordam a relação do feminino em contraste com a sociedade e as relações que se estabelecem através deste conflito, fazendo com que possamos discutir sobre as questões das identidades femininas na relação com a sociedade e o movimento nacionalista.

2 JUANA MANUELA GORRITI: LA FLOR DE LA MALEZA

No ano de 1816, uma das vozes femininas no contexto histórico hispano-americano do século XIX nasce, em Horcones, acampamento fortificado em Salta, cidade argentina. Juana Manuela Gorriti era a sétima filha de oito irmãos, seus pais se chamavam Feliciano Zuviría e José Ignacio Gorriti, este era militar e tinha uma relação muito forte com a política, tendo sido governador de Salta. O pai de Gorriti era general e, assim como seus irmãos (o sacerdote Juan Ignacio Gorriti e José Francisco Gorriti, este conhecido como Pachi), estava sempre envolvido em conflitos e batalhas pela emancipação de sua pátria.

A data de nascimento da autora Juana Manuela Gorriti é uma incógnita, pois muitos autores, como Dionisio Chaca que pesquisou em testemunhos de familiares, julgam ser em 1818, porém estudos feitos posteriormente, como nos comprova Analía Efrón, mostram a data de nascimento de Gorriti como em julho de 1816. Hebe Molina confirma que a data de nascimento de Gorriti seria em 16 de julho de 1816, devido a dados de uma carta em que o tio de Gorriti, Juan Ignacio, envia ao pai da mesma, datando seu nascimento uma semana depois da independência da Argentina. Como os autores Félix Luna e Leonor Fleming trazem esta última data e por coincidir com um fato tão importante para o país, como foi a independência, optou-se por utilizar sempre o ano de 1816 como ponto de partida para a vida desta autora tão singular.

Por ter nascido dentro de uma família de militares envolvidos com a política, Gorriti aos poucos conheceu, interessou-se e criou suas próprias ideias e opiniões acerca das relações conflituosas que ocorriam no país. Desde pequena, a autora já mostrava sua personalidade forte e seu interesse pela liberdade, seu gosto pela literatura e pela natureza:

Acaba de nacer una criatura especial, singular por sus intensas ganas de vivir plenamente; por su humildad en la grandeza; por su firmeza en la miséria; por su increíble capacidade para hacer de la debilidad, fortaleza (LUNA, 2001, p. 25).

Devido à sua natureza rebelde, livre e aficcionada pelo meio natural, Juana Manuela ganhou o apelido “Flor de la maleza” pelo militar Guemes, que ao conhecê-la ainda criança referiu-se a ela como uma flor que fica em meio às ervas, para ressaltar a

imagem intrigante de uma criança que gostava de montar a cavalo, correr e se embrenhar no mato, subir em árvores, e observar todo meio natural à sua volta, cuidando de si mesma e aprendendo a ser independente desde a infância, um espírito rebelde para uma futura moça da época:

La personalidad de Juana Manuela Gorriti – caracterizada por su capacidad de decisión propia, opinión clara y personal y su veta de humor punzante – decididamente no se encuadraban en el estereotipo femenino del siglo XIX, que encorsetaba a las mujeres bajo rígidas normas de comportamiento y posturas. (LUNA, 1999, p. 81-82)

Gorriti sofreu o seu primeiro exílio quando foi obrigada a sair de Horcones – onde ficava perto da natureza e no seio de sua família – para estudar no Colégio de Educandas, onde lhe parecia estar em cárcere, e acabou ficando doente, tendo que voltar para casa. Alguns pesquisadores apontam que Gorriti não teve mais contato com o ensino formal, mas a autora narra, em *Lo íntimo*, que esteve na escola do Dr. Velazco, na qual o professor peruano dava aulas de grego e latim aos jovens, enquanto sua esposa ensinava leitura, escrita e doutrina cristã.

Muitos acontecimentos negativos – decepções, mortes, desterros físicos e simbólicos – marcaram e influenciaram a vida de Gorriti, tanto em sua vivência, como na escrita de suas obras. Após várias batalhas e conflitos vividos pelo seu pai e sua família, como a independência da Argentina, os Gorriti passaram por diversas dificuldades e transições que mudaram o destino da família.

Uma das fases mais difíceis da história argentina foi a ditadura de Juan Manuel de Rosas, que teve seu primeiro governo entre os anos de 1829 e 1832. Após, o ditador retirou-se e deixou, em seu lugar, o militar Balcarce, mas retornou no período entre 1835 e 1852, no qual governou o país, instalando um regime ditatorial extenso e opressor.

Nesta época, o país sofria com conflitos e exílios forçados e a população dividia-se entre federalistas e unitaristas. Os federalistas, que apoiavam o governo de Rosas, defendiam a república, mas destacavam a importância da autonomia das províncias. Os unitaristas, dos quais a família de Gorriti fazia parte, queriam a unificação dos povos que se situavam no Rio da Prata e, para isto, lutavam contra os federais, opondo-se a Rosas e a seu regime ditatorial.

Estes conflitos culminaram com um fato muito importante na vida de Gorriti. Em 1831, quando Facundo Quiroga venceu o general Gregório Aráoz de Lamadrid na cidade de Tucumán, várias famílias unitaristas no norte da Argentina perderam tudo e foram obrigadas a migrar para territórios estrangeiros, buscando refúgio político. A família de Gorriti foi para a Bolívia.

Um ano antes desse fato, os irmãos Gorriti tomam partidos distintos. José Francisco Gorriti, o Pachi, vai para o lado dos federalistas e acaba falecendo logo depois, enquanto seus irmãos, o sacerdote Juan Ignacio e José Ignacio Gorriti (pai de Juana Manuela), continuam unitários e são exilados da cidade Salta, para onde nunca retornarão. Tendo passado já por muitas perdas no seio de sua família, Juana Manuela deparou-se com uma nova realidade no exílio e teve que conviver com a saudade de sua pátria, a decepção de ver os esforços de seu pai e de sua família não serem reconhecidos e assistir a morte de seu progenitor.

Apesar de o exílio ter trazido muitas perdas, foi neste ambiente que a autora começou a vida adulta e a ser uma mulher que subverteria os costumes de sua época. Gorriti, quando marchou para o desterro com sua família, tinha perto de quinze anos e este fato foi tão decisivo para o seu amadurecimento que dedicou mais tarde várias páginas de seus escritos a este episódio. Segundo Fleming (2010), Gorriti recria, nos contos *Receta del Cura de Yana-Rumi* e *La novia del muerto*, situações vividas pela caravana de desterrados a caminho de Bolívia e também narra os detalhes da sensação devastadora que lhe inspira o exílio, ao caracterizar a natureza no conto *El pozo de Yocci*.

Começa então a história de uma eterna peregrina. Em 1832, conhece Manuel Isidoro Belzú, oficial boliviano (e futuro presidente do país) com que se casa um ano depois, no dia 20 de abril. Encantada pela personalidade heroica e ativa de Belzú, qualidade que admira desde a infância ao conhecer a vida militar e conflituosa, Juana Manuela busca criar novas raízes tentando encontrar em Belzú base para isso, mas os dois possuem um temperamento muito forte e a união se torna algo difícil e fora dos padrões patriarcais da época.

Desse matrimônio, nasceram duas filhas: Edelmira, nascida em 1834, e Mercedes. A primeira sempre se identificou mais com o pai, acompanhando-o nas campanhas políticas, já Mercedes herdou o gosto de sua mãe pela escrita, sendo mais tarde sua companheira em sua jornada pelo mundo das letras e pela profissionalização.

Vários biógrafos apontam mútuas infidelidades entre Gorriti e Belzú e até insinuam que a autora teve uma relação com o general José Ballivián, que governou Bolívia entre 1841 e 1847. Segundo Fleming (2010), a biografia autorizada de Analía Efrón vai contra essas versões, destacando que os rumores são efeitos da contenda entre os dois militares, Ballivián e Belzú.

Juana Manuela Gorriti foi uma das pioneiras na arte da escrita hispano-americana no século XIX. Junto à Clorinda Mato de Turner e Mercedes Cabello de Carbonera, foi uma das primeiras mulheres a ser reconhecida por sua escrita e seu engajamento na arte literária. Gorriti mostra, em suas obras, uma clareza de que ser escritora é mais do que simplesmente escrever, é um ato político, que deve ser encarado com muito profissionalismo e responsabilidade. Juana Manuela Gorriti não desenvolveu, em sua escrita, uma literatura feminista tal como temos atualmente configurada, mas soube trazer em suas obras a sua visão sobre a mulher na sociedade em que vivia.

Os conflitos políticos e militares argentinos da época, como as batalhas pela independência, as guerras civis e os conflitos bélicos e políticos entre Federais e Unitários foram pano de fundo da obra de Gorriti, fazendo com que a autora evidenciasse o papel da mulher neste contexto, destacando em suas obras distintas visões e situações das mulheres na guerra:

La literatura de Gorriti dramatiza en forma exasperada la relación de las mujeres (y de la mujer escritora) con el ámbito del hogar. Em um siglo signado por las guerras de la independencia primero, las civiles más tarde y los enfrentamientos con países limítrofes, la casa, más que un espacio opresor, se constituye en el no-lugar simbólico de un mundo destrozado desde el que se expande y se multiplica la muerte. (LUNA, 1999, p.49)

Além disso, Gorriti mostra muitas figuras de militares nacionalistas, identificando-se com o Romantismo hispano-americano na literatura. No entanto, a autora não traz apenas a visão positiva desta vertente literária, pois também evidencia a decadência dos derrotados na guerra, mostrando as causas e consequências dos conflitos que tanto a marcaram em vida como em sua obra. A trajetória literária de Gorriti foi se construindo entre seus conflitos e vivências pessoais, adquirindo liberdade para escrever e para divulgar suas obras, trabalhando e valorizando a arte da escritura como empoderamento da mulher na sociedade e um caminho para a literatura que até então era dominada por homens.

A autora ainda valoriza a importância dos escritores dialogarem entre si e de melhorá-los a partir da visão de um grupo. Desta forma, é que organizava as Veladas Literárias, reuniões que fazia em sua casa, desde quando morava em La Paz, fortificou-se em Lima e teve repercussão em Buenos Aires. Nesses encontros, Gorriti mostrava às mulheres a valorização da escrita, influenciando-as a escrever cada vez mais e fazer com que suas obras fossem lidas e apreciadas por outras escritoras e escritores. Nestas Veladas Literárias, a autora fez muitas amizades com grandes autores da época, o que foi aumentando a sua popularidade e prestígio no meio literário vigente.

Em seu primeiro livro, *Sueños y realidades*, dividido em dois tomos, a autora apresenta um mundo diverso, evidenciando elementos históricos, culturais e sociais, como também traz um pano de fundo da literatura fantástica, conflitos políticos e amorosos, traços da cultura antiga indígena e da literatura romântica, além de fazer referências indiretas a sua própria vida e críticas diretas à política, ao cristianismo e à sociedade de uma maneira geral, destacando as personagens femininas como principais precursoras e agentes ativas em suas obras.

La quena foi a primeira obra de Gorriti a ser publicada. Em 1845, a *Revista de Lima* publica o conto que relata o encontro entre dois jovens apaixonados, Hernán e Rosa, que vivem um amor proibido de acordo com os padrões românticos, fazendo-se promessas e remetendo seu amor ao sacrifício e à morte. Mais tarde, *La quena* é publicado como o conto que dá início ao primeiro tomo do livro *Sueños y realidades*, inaugurando esta obra e já mostrando os traços do Romantismo hispano-americano que o conto iria trazer e as diversas nuances e características peculiares que iria apresentar.

3 LITERATURA, SOCIEDADE E IDENTIDADE FEMININA

A sociedade funciona como um espelho para a literatura e não seria diferente na obra de Juana Manuela Gorriti. A autora argentina traz, em seu *Sueños y realidades*, o pano de fundo de uma sociedade marcada por conflitos bélicos e políticos, evidenciando aspectos reais que irão permear seus contos. Através de imagens das guerras pela independência, das guerra civis, dos conflitos étnicos-raciais ou da mulher na sociedade, Gorriti traz sua visão do meio em que se insere, imprimindo seus pontos de vista acerca de variados assuntos.

A literatura de Juana Manuela Gorriti é marcada pela variação e pela transitoriedade, pois sua matéria intelectual é vasta. A autora apreciava a troca de experiências literárias, sendo isso um ponto de partida para a formação de novos escritores, como julgava a anfitriã das tão famosas Veladas Literárias na sociedade limenha. Neste sentido, além de dialogar sobre seus escritos e de seus colegas, Gorriti produziu um vasto trabalho, repleto de vestígios autobiográfico e contendo temáticas como amor, nacionalismo, guerra, mulher, cristianismo, família, política, indianismos, entre outras.

Tratando da identidade feminina dentro da obra de Gorriti da mesma maneira que observamos seus escritos variados temos a imagem da mulher multifacetada. Em alguns momentos, vemos personagens femininas submissas e vítimas das circunstâncias e das tragédias e, outras vezes, as personagens femininas são agentes principais das ações que se desenvolvem nas narrativas, mostrando-se como subversivas e reacionárias, mostrando desta forma o caráter crítico de Gorriti, que mesmo de maneira sutil está presente e permeia seus escritos, como vemos nos dois tomos do seu primeiro livro de contos *Sueños y realidades*, que está sendo analisado neste trabalho.

3.1 A construção do ideário nacional em *Sueños y realidades*

A obra de Juana Manuela Gorriti configura-se dentro do período do Romantismo hispano-americano (1810-1824), confluindo com o término da Guerra pela Independência argentina, fato que consolida as novas pátrias independentes sul-americanas e, desta forma, vários aspectos pretendem reafirmar a ideia de o que pode ser considerado nacional ou não. Gorriti então aborda o nacionalismo baseado na imagem das três pátrias pelas quais transita e habita: Argentina, Bolívia e Peru.

Nesse contexto, a literatura trabalha a favor da sociedade e traz elementos fundamentais para evidenciar “a cor local”, características que tendem a demonstrar o nacionalismo através da exaltação da pátria e do que pode ser considerado como próprio da mesma. A presença do indígena e seu legado à pátria destacado pela relação de conflito entre o branco europeu, explorador, usurpador da terra, ganancioso e mentiroso e os povos indígenas, verdadeiros herdeiros da pátria, por serem os povos primitivos dentro de sua realeza e orgulho de serem fruto da América do Sul, vistos como heróis guerreiros protetores dos bens naturais e das riquezas nacionais.

Gorriti começa a temática indígena em “La quena”, o primeiro conto do primeiro tomo de *Sueños y realidades*, e, no segundo tomo, “El tesoro de los Incas” e “Si haces mal no esperes bien”, obras estas que serão analisadas mais adiante neste capítulo. Além da temática do indianismo, relativa ao nacionalismo temos também a presença da natureza, retratada em diversos contos, a relação forte dos conflitos políticos e sociais das guerras civis, da guerra pela independência da América que funciona como pano de fundo de vários escritos, e também de forma acentuada os triângulos amoroso e as relações afetivas de um modo geral, mas que terminam em tragédia e desespero.

Se recordarmos a ideia de nação pensada e discutida por Ernest Renan, podemos afirmar que:

Uma nação é uma alma, um princípio espiritual. Duas coisas – que, a bem dizer, não são mais que uma – constituem essa alma, esse princípio espiritual. Uma está no passado, a outra, no presente. Uma delas é a possessão em comum de um rico legado de recordações; a outra é o consenso atual, o desejo de viver em conjunto, a vontade de continuar a fazer valer uma herança que e recebeu íntegra. O homem, meus senhores, não improvisa. A nação como o indivíduo, é a culminação de um grande passado de esforços, de sacrifícios e de devoções (RENAN, 1882, p. 20)

Neste sentido, vemos que o espírito de nação vem muito mais do próprio sentimento do que da racionalização, é um sentir-se parte de algo, é uma relação entre passado e presente em houve diversos sacrifícios, como as milhares de vidas que se perderam nas batalhas nos países hispano-americanos contra a Espanha em busca de liberdade e independência.

No entanto, essa ideia de nação vinda do sentimento e principalmente do pensar romântico do século XIX, inspirado em sua origem pela Revolução Francesa (1789-1799), vai apontar na literatura o gosto pelas recordações conflituosas que

levaram a nação à liberdade de não ser mais colônia, aos aspectos naturais e indianistas da terra e do povo, e mesmo trazendo em seus escritos toda essa relação de nação e sentimentos nacionalistas, Gorriti vai se posicionar de maneira sociável frente a sociedade com o objetivo claro de manter-se na literatura sem grandes censuras como vemos no trecho de *Lo íntimo*, que nos traz Rosana López Rodríguez:

Huye de discusiones políticas y de nacionalismo. Procura amigos en todas partes, y evita todo aquello que pueda darte enemigos. (...) ¿Quién conocerá más a fondo que yo, las nulidades y perversidades de las gentes?, y sin embargo, es preciso tomarlas como son; no abrirles nuestra alma, porque, como dice el Sagrado Libro, no debemos echar margaritas a los puercos (...). Tú sé siempre el amigo de todos sin empeñar con nadie, sin embargo, los tesoros del alma. (...) Porqué, hijo mío, amabilidad, cariño, bondad, generosidad, halago, todo esto debemos dar a la gente a manos llenas y de pleno corazón; pero confianza, ni una gota. (RODRÍGUEZ, 2007, p. 1)

Desta forma, Gorriti demonstra os seus cuidados, tanto como pessoa como literata, para com suas relações, mas apesar de seus cuidados é através de seus escritos, que sutilmente ela vai revelando suas opiniões, memórias e críticas. Gorriti fez de sua pátria, sua nação Salta, sua cidade natal, Bolívia seu primeiro exílio e lugar onde se casaria e teria suas duas primeiras filhas, depois Peru, morada de seus primeiros escritos, onde teve suas primeiras experiências como uma mulher que dependia do seu próprio trabalho para sobreviver e onde tornou-se uma escritora engajada, criando em sua casa *Las Veladas Literaria* e, por último, em Buenos Aires, onde escreveu e narrou suas memórias e últimas recordações, pois é aí que vem a falecer.

É através da forte cultura indígena peruana que Gorriti vai criar dois contos importantes para o seu desenvolvimento literário. Ambos os contos, “La quena” e “El tesoro de los incas”, vão trazer a cultura e o personagem indígena como centro da narrativa e como a relação desses personagens com os personagens brancos europeus vão ser nocivas e danosas para sua cultura e para o todo.

Em “La quena”, como é comum nos escritos de Gorriti, há uma narrativa dentro de outra narrativa, ou seja seremos levados pelo narrador a saber de suas memórias e segredos, recurso utilizado pela autora para enriquecer seus contos e também, de certa forma, para inocentá-la de uma opinião mais subversiva e crítica, pois Gorriti mantinha a sutileza para que seus escritos não fossem criticados pela sociedade machista e pudessem ser lidos pela maioria da população.

Observamos, então, a primeira cena de “La quena” que tem por espaço inicial a cidade de Lima, no Peru. Há o encontro de dois jovens à noite às escondidas na sacada de uma casa, remetendo à peça *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, e ressaltando a força do relacionamento proibido e os possíveis caminhos funestos que este pode levar.

Hernán e Rosa são dois apaixonados, mas que estão fadados a ficarem separados pelo grande segredo que o rapaz encerra em seu coração. Hernán esconde por muito tempo o mistério de suas origens, mas temendo ir para longe, confessa à sua amada o que há muitos anos esconde de toda sociedade: é um descendente dos incas. Desta maneira, inicia-se a nossa narrativa a história que vai originar os percalços por que passa Hernán e Rosa.

Hernán começa sua narrativa, contando a história de sua mãe, uma índia inca chamada María e a relação da mesma com a sua cultura, misturando a dor de perder o pai biológico, o relacionamento de confiança que tem com o pai adotivo, o cacique da antiga tribo e sua relação amorosa com um europeu. Neste contexto, a índia aparece com seu filho e é atormentada por sonhos que revelam maus augúrios de separação e que deixariam qualquer mãe em desespero, porque lhe mostra a sua separação do filho ainda pequeno.

A relação funciona como espelho da sociedade, mostrando os conflitos da busca pela independência dos países hispano-americanos neste conto, já vai se estabelecer desde que Hernán começar a contar suas origens índias que o afastam de sua amada e também pelo exemplo da relação conflituosa que viveram sua mãe (índia) e seu pai (europeu).

A narrativa de Hernán começa em Cuzco, onde vivia com sua mãe em uma pequena cabana. A índia acometida de pesadelos e maus presságios, caracterizando aspectos de cunho fantástico no conto, como o pressentimento de algo irá ocorrer, conta um sonho ao cacique, em que confia:

Funestos presagios me anuncian una desgracia. ¿Cuál? ¡lo ignoro! Anoche mismo un sueño extraño y angustioso me ha llenado de terror. ¡Oh, vos á quien Dios revela su misterioso sentido, escuchad y decidme lo que debo temer!

Me hallaba con mi hijo sobre mis rodillas en un jardín delicioso, tan bello, que en comparación suya nuestras fértiles quebradas son áridos desiertos. Me rodeaban árboles de toda especie, cargados de hermosos frutos; innumerables, variadas y bellísimas flores me embriagaban con su penetrante aroma; y, sin embargo de que todo allí respiraba alegría, yo estaba triste, y

una dolorosa inquietud me hacía estrechar á mi hijo contra mi corazón.

De repente vi delante de mí un hombre de formas colosales, un gigante vestido de verdes juncos, y, cuyas facciones, ¡cosa extraña! Tenían la movilidad de la imagen que vemos reflejarse en agua agitada.

– ¡El mar! – murmuró el indio.

– El espanto que me causó aquella aparición produjo en mí un efecto inaudito. Mis miembros se entorpecieron, mi lengua, como clavada al paladar, no pudo articular ni un solo grito, y de todo mi ser material, mis ojos solos quedaron con vida, mis ojos que vieron al gigante aprovechándose de mi postración, tomar á mi hijo por el cuello, arrancarle de mis brazos á pesar de sus gritos, y alejarse con él hacia una llanura sin límites, donde desapareció

– ¡El mar! – ¡repitió el cacique. (GORRITI, 1907, p. 32)

Este sonho vem realçar o caráter premonitório da narrativa de María e sua característica de mãe protetora disposta a enfrentar a tudo e a todos por seu filho. A partir do relato da índia, María responde ao cacique que o pai de seu filho está em missão na cidade de Buenos Aires que já fazia dois anos que não o via. O cacique, com medo de que sua filha adotiva corrompa a lei e as tradições dos seus antepassados por amor a um europeu, lembra a María a importância do juramento que fez junto ao leito de morte de seu pai biológico, de nunca revelar o segredo do tesouro de seu povo, não importando o motivo, já que somente ele possuía a chave dos subterrâneos, lugares onde os incas guardam o seu grande tesouro com a esperança de um dia voltar aos dias prósperos antes de os europeus os dizimarem.

O cacique teme por María e pelo segredo dos incas, já que não confia em nenhum europeu, pois crê que os estrangeiros só podem trazer desgraça e destruição para sua terra e sua gente, acreditando veemente que o sonho de mau augúrio da índia possui relação com a desgraça que o pai de Hernán ainda iria trazer. O cacique compara o ser que aparece no sonho, o monstro do qual María fala, com o mar, que serve de metáfora da presença do espanhol em terras americanas, já que os europeus vieram por mar para colonizar a América, explorando, matando e escravizando a população já nela existente. A relação da busca por firmar as raízes indígenas e trazer em pauta a tradição e cultura pioneira da América busca valorizar o que se se perdeu com a chegada dos europeus, tornando-se uma típica característica do ideário nacional, pois busca uma identidade própria para o país, ressaltando a importância dos primeiros povos autenticamente americanos.

María – que, juntamente com o cacique, era última descendente dos incas – havia se apaixonado perdidamente pelo conde Fernando de Camporreal, um oficial espanhol que veio ajudar na dominação das terras colonizadas da América e, deste enlace, nasceu o narrador deste conto: Hernán. Fernando Camporreal, depois de dois anos, aparece de repente na tentativa de levar o filho embora para a Lima, o que a índia rapidamente reprova, mas acaba por aceitar com medo de perder o filho. Novamente, há a presença da mulher como mãe e dona de um amor e instinto de proteção incondicional, sacrificando suas convicções para não se afastar do filho.

No entanto, após chegar a Lima, María é acometida de uma grande enfermidade, facilitando com que Camporreal arrebathe o filho de seus braços e leve-o para a Espanha, já que seu objetivo era afastar o filho da mãe para que ele fosse criado longe dos preceitos indígenas e fosse criado com a melhor educação europeia. Neste sentido, destaca-se a desvalorização dos povos indígenas pelo europeu explorador que apenas necessita dos povos ameríndios para determinados fins, como explorar, usar e tornar escravo de seus desejos e vontades.

Dilacerada pela desilusão de ter acreditado no amor pelo conde de Camporreal, pela doença que lhe acometeu e, principalmente, pela dor de ter tido seu filho roubado, María junta forças inomináveis e decide ir atrás de seu filho. Para isso, María vai ter que cometer uma traição, uma traição maior do que aquela que cometeu ao se apaixonar pelo destruidor de seu povo, pois irá romper seu juramento e se valer do tesouro escondido dos seus ancestrais para voltar a ver o seu filho.

Aqui se destaca a presença feminina no sacrifício na desonra, no sofrimento típico do Romantismo. María torna-se uma heroína nacional, uma índia inca que irá romper as barreiras da cultura, do juramento e do respeito ao seu povo, por um ideário maior, rever seu rebento, destacando uma mulher que, apesar de ir contra os conceitos patriarcais e das regras culturais de seus antepassados, mostra uma mulher que põe a maternidade acima de tudo.

María então vai até Espanha e consegue ver seu filho, pelo menos duas vezes e acaba por contar a Hernán, ainda muito pequeno, o segredo do seu juramento sobre o tesouro inca escondido nos subterrâneos de Cuzco. Após contar a história de seus antepassados a Hernán, a índia lhe conferiu a chave dos subterrâneos que guardavam o tesouro inca que havia restado. Desta forma sentindo-se cada vez mais enferma, María fez seu filho jurar que protegeria esse tesouro e, de acordo com a profecia inca, ele seria o libertador. Hernán seria aquele que, após viver muito tempo entre os inimigos, iria

trazer de volta a honra indígena e a valorização de seu povo contra a dominação europeia.

Desta forma, María se despede de Hernán para nunca mais vê-lo. A índia que já estava enferma e teve por última missão relegar o segredo dos incas ao seu filho, tornando-se assim uma heroína mártir do nacionalismo, que sacrificou até seu último suspiro pela vida de Hernán e que confiou o perdão de seus pecados contra seu povo, às ações libertadoras que o menino jurara-lhe para o futuro.

Encerra-se assim a narrativa que Hernán, já adulto, faz à sua amada Rosa à beira de sua janela. O jovem ressalta o medo de perder sua amada por ser um descendente indígena, que nunca foi totalmente reconhecido por seu pai, tendo ficado subjugado ao título de bastardo e visto sua vida inteira com preconceito por sua posição. O amor proibido entre Rosa e Hernán é forte, mas como vemos nas obras de Gorriti, de uma maneira quase geral, vai ambientar-se na desgraça e na contrapartida entre amor, sacrifício e morte, como foi também marcada a vida da índia María.

Hernán então se despede de Rosa com a promessa de que não a esquecerá e se corresponderão por cartas, já que o jovem iria ser designado para missões distantes de Lima. No entanto, entra em cena a presença do triângulo amoroso, pois Rosa – prometida ao ouvidor Ramírez – se vê vítima de uma fatal traição da escrava de confiança de Rosa, em troca da sua liberdade e do seu filho, ajuda Ramírez a destruir o romance entre a jovem e seu amado Hernán.

A escrava Francisca intercepta as cartas que Rosa envia ao seu apaixonado e, desta forma, ele pensa que Rosa não o ama mais e torna-se sacerdote. Esta passagem mostra novamente a presença de uma mãe que sacrifica até mesmo sua honra e sua palavra para voltar a ver seus filhos, como no caso de Francisca que trai a confiança de sua senhora para recobrar a liberdade e a presença de seus filhos. Também percebemos a fuga da realidade, por parte de Hernán, que busca a paz de espírito na religião para sarar a dor de sua perda no amor.

Após muitos anos, Hernán volta a Lima como sacerdote e desiludido do amor de Rosa vai celebrar uma missa, mas para sua surpresa é colocado frente a frente com a sua amada. No momento em que estão orando a Deus, ele cruzam os seus olhares e a esperança renova-se em seus corações. Neste momento de encontro, o narrador – que nesta segunda parte do conto já não é mais Hernan – compara Rosa ao rezar, com Maria mãe de Jesus aos pés da cruz, evidenciando o objetivo de passar a imagem de uma

mulher santa, pura que, apesar dos augúrios da vida pelos quais está sofrendo, não perde a fé.

Em seguida, a narrativa muda sua configuração. Ramírez, casado com Rosa, descobre que Hernán voltou e tenta uma artimanha para impedir que sua esposa escape. Acontece aí uma relação inversa referente à obra *Romeu e Julieta*, pois enquanto no texto original Julieta e o frei forjam um plano em que a moça iria fingir-se de morta para fugir com seu amor proibido, aqui a mulher aparece como vítima da situação, pois Ramírez consegue um elixir que deixará Rosa como morta, para que ela morra sem ver a presença de Hernán, seu verdadeiro amor.

Nesta situação de desespero, Ramírez tenta a todo custo tornar a esposa apenas como sua propriedade, para fazer dela o que bem entender, ressaltando a imagem da mulher vítima do machismo e da sociedade patriarcal em que a mesma deve ser submissa, estando sob poder do pai e depois do marido. Pressentindo as armações de Ramírez para tirar Rosa do país, Hernán antecipa-se e descobre que ela não morrerá, conseguindo roubá-la de sua tumba. Desta forma, levou-a para uma localidade distante em Cuzco a fim de viverem em paz o seu grande amor, que um dia já fora ameaçado. Porém, Ramírez – disfarçado com vestes de peregrino – consegue encontrar o lugar em que os amantes estão escondidos e chega quando Rosa está sozinha. Essa não vê maldade em dar hospitalidade a um peregrino, que ao revelar-se lhe sepulta um punhal no peito, satisfazendo o furor de sua vingança.

A partir deste desenlace, o conto chega ao seu término, evidenciando o cunho de mau augúrio e desgraça que recai aos filhos dessa pátria, aos filhos da relação corrompida entre europeus e indígenas, entre o povo antigo das américas e os exploradores que vieram acabar com a terra americana usurpando-a sem limites. Hernán, filho da relação entre sua mãe índia e seu pai europeu, acaba por ser acometido pela dupla maldição de seu povo inca, por ser filho de uma relação devastadora e errônea, já que María trairá ao seu povo por se apaixonar por um europeu e ter um filho do mesmo e pela traição a que ela subjugou todos seus descendentes ao tomar para si uma parte do tesouro de seu povo para atingir objetivos pessoais, mesmo que fosse o bem de seu próprio filho.

Assim, mostra-se neste final uma relação de causa e consequência relacionada ao infringir dos costumes e da lei da pátria que antes da chegada dos europeus, era dominada pelos incas com suas leis e regras. Também podemos destacar a presença da mulher, que neste conto aparece como transgressora dos limites permitidos pela

sociedade patriarcal e machista, mas que não sai ilesa e recebe os castigos e as punições pelos seus atos de desobediência e contravenção.

Por último, temos a relação com o fantástico, o sombrio e o assustador, relacionado com o sentido de nacionalismo. Já que Hernán se encontrará ao fim da narrativa de joelhos aos pés do esqueleto de sua amada e tocará o *De profundis* no seu osso fêmur, despojo em que ele usou como “La quena”, objeto que dá nome ao conto e que significa um tipo de flauta peruana, relacionando a dor que o jovem Hernán sente ao perder a sua amada como o canto triste do instrumento indígena, ligando as origens da pátria com a desgraça sofrida por aqueles que descenderam da traição.

Relacionado à temática indígena e nacionalista, temos também o conto “El tesoro de los incas” também chamado de “leyenda histórica”, segundo conto do segundo tomo do livro *Sueños y realidades*. Percebemos que Gorriti pretende traçar um paralelo entre os dois tomos de sua primeira obra, proporcionando com que os mesmos dialoguem entre si, fazendo com que as temáticas misturem-se e ganhem uma nova configuração nos enfoques que cada conto dá para determinado assunto,

“El tesoro de los incas”, como já diz o nome, vai trazer novamente a presença indígena e da descendência inca para a obra de Gorriti, assim como faz “La quena” e vai firmar a discussão sobre a relação entre a mulher indígena e o branco europeu, que de novo aparece para corromper as regras e a cultura dos incas, através da mentira, do engano e da perversidade.

Neste conto, temos a presença do cacique Yupanqui, descendente dos incas, ao pé da lareira em uma cabana em Cuzco, conversando com seus dois filhos: Rosalía (que possui o nome indígena de Kosacha) e Andrés. Andrés comentou que há muito acreditava que sua irmã estava com problemas, pois a tinha visto chorar. Yupanqui pensara que sua filha estava triste por ter-se distanciado do convento, lugar que até então era o seu lar, mas que devido às desconfianças e preocupações da abadessa em relação à saúde da moça, que pediu ao seu pai para levá-la ao campo na esperança que voltasse a sorrir e a ter a mesma disposição de antes.

O cacique Yupanqui perdeu suas posses devido aos interesses de um dos favoritos do intendente de Cuzco, podemos inferir desta forma que o antigo cacique foi traído por sua pátria e que a mesma que um dia era morada dos grandes tesouros incas de seu povo, hoje era corrompida pelas leis dos descendentes dos europeus.

Como somente havia restado ao cacique sua pequena cabana e seus filhos, que eram seu maior tesouro, principalmente Rosalía, comparada ao lírio, como flor de pureza e

bondosa como anjo. Para guardar a vida e a inocência de sua filha das maldades e das decepções do mundo, Yupanqui deixa a filha para ser criada em um convento, do qual apenas a tira, após o pedido da abadessa que temia pela vida da moça, que a cada dia se mostrava mais pálida e entristecida.

Porém, o que Yupanqui e Andrés não sabiam era que Rosalía havia sido conquistada pelo amor do europeu Diogo de Maldonado. Ainda no convento, os olhos do espanhol fixaram-se nos de Rosalía que cantava no coro da Igreja e a conquistaram de tal maneira que o coração da moça nunca mais teve paz. Depois que Diogo trocou olhares com Rosalía na igreja, imaginou-a sua cúmplice para seu plano maquiavélico. O aragonês Diogo Maldonado viajou para a América em busca de riquezas, pois na Espanha ele disputara com seu irmão o amor de uma mulher chamada Leonora e, devido ao irmão mais velho ter ficado com toda herança da família, Diogo não pode pagar o dote e por isso a perdeu. Cheio de vingança e cego de paixão, o aragonês viajou até o Peru e por acaso encontrou uma índia à beira da morte, que, pensando que falava como o padre que lhe daria a extrema unção, confiou-lhe o segredo do tesouro dos seus antepassados, o tesouro escondido dos incas, mas ao perceber que havia cometido um erro, pois aquele era um homem estranho, a índia desesperou-se e Diogo acabou por matá-la sem piedade.

Nesta passagem, fica evidente novamente a relação de ganância e exploração do europeu sobre o povo ameríndio. O interesse e a sede pelo tesouro faz com que Diogo Maldonado seja um exemplo do povo espanhol que vem à América somente para tirar o que ela tem de melhor sem oferecer-lhe nada em troca. Através da metáfora que se instala na situação que acabou de ser narrada, percebemos que na obra de Gorriti os espanhóis aparecerem como vilões, calando os povos indígenas com a morte, mas não sem antes arrancar os segredos mais íntimos dos povos para roubar e usufruir de toda riqueza destes povos.

Desta forma, tendo o segredo do tesouro inca em mãos, Diogo apenas necessitava de alguém que o ajudasse a ter acesso ao mesmo, sendo que o tesouro se encontrava nos subterrâneos da abadia onde Rosalía foi criada. Pensando nisso, Diogo de Maldonado conquistou o amor da jovem índia com a esperança de que ela o ajudasse na empreitada de roubar o tesouro.

Voltando a cena inicial do conto em que o velho cacique conversava com seu filho, percebemos que Maldonado está à espreita fora da cabana, escutando o que se passa lá dentro. Depois de longa conversa, Yupanqui retira-se para descansar, mas Andrés

desconfiado das atitudes da irmã acaba conversando com ela na esperança de descobrir o porquê de suas aflições, mas Rosalía apenas chora em seus braços sem dizer-lhe uma palavra. Após a conversa dos dois, Andrés vai descansar e a jovem índia fica só no ambiente. Diego de Maldonado vem até a presença de Rosalía para tentar, de uma vez por todas, descobrir como roubar o tesouro que tanto cobiça, para isso ele usa a artimanha de que perdeu todo seu dinheiro no jogo e necessita fugir para não ser morto ou preso, fazendo com que o amor da jovem índia fale mais alto do que o respeito e a honra aos seus antepassados incas:

–¡Sombras augustas de la ciudad tenebrosa! – exclamó la india – voy a quebrantar nuestro terrible juramento; pero jamás ojos profanos conocerán vuestro sagrado recinto ni los misteriosos senderos que á él conducen. –Diego continuó: – ¿Haz oído hablar del tesoro de los Incas? Nosotros lo poseemos: mi padre cacique legítimo de Horcos y descendiente de Huascar, tiene una de sus llaves. Líganos un juramento á guardar el secreto de su existencia y abstenernos de tocar de él un solo grano. Dios sabe que ni los mayores suplicios me hubieran hecho quebrantarlo, pero tú necesitas oro, y cuando te lo ofrezco dudas de mí. Perdóneme mi padre y las almas de los incas. (GORRITI, 1907, p. 100)

Aqui então vai se estabelecer novamente a imagem da mulher em sacrifício que vai arriscar sua honra e sua vida pelo amor, desta vez não de mãe para filho, mas sim um amor incondicional de uma jovem inocente que acredita que seu amante Diego Maldonado realmente a ama e deseja ficar ao seu lado.

Assim como no conto “La quena”, vemos aqui uma mulher que transgride as leis e as regras da sociedade patriarcal em prol de suas próprias vontades e sentimentos e que vai contra as suas próprias tradições. No entanto, Gorriti traz em sua narrativa o castigo para essa mulher, a tragédia sempre vai permear a vida de quem toma uma atitude de transgressão frente aos princípios que até então estavam estabelecidos. Este sentimento de divergência e lei de ação e reação mostra a dificuldade do estabelecimento de mudanças na sociedade e dá exemplo de como o pensamento da época empurra a vivência feminina para o castigo e as maldições, se ousarem transgredir o que até então é dito como lei. Mesmo assim, se tem a visão de uma mulher romântica que se sacrifica pelo seus sentimentos mas ao mesmo tempo pelo sentimento do outro:

– ¡Héme aquí, Diego! Traigo sobre mi cabeza la cólera de Dios y la maldición de mis antepasados: pero tú lo has querido. Tu pie va hollar en sagrado recinto que sólo han

pisado los hijos de los reyes. ¡Plegue el gran Pachacamac castigarme a mí sola y no extender sobre ti su enojo!
(GORRITI, 1907, p. 114)

Rosalía então irá realizar trair seu povo para salvar a vida de seu amado ao quebrar seu voto de silêncio sobre o tesouro de seus antepassados. Rosalía rouba a chave, que pertence ao seu pai na tentativa desesperada de dar a Maldonado o ouro que ele precisa para ver-se livre de perseguições e leva o mesmo na empreitada até os subterrâneos onde se encontra o tesouro inca, pois Diego finge ter ciúme e desconfiança sobre a origem do dinheiro que Rosalía pretende dar-lhe. Nesta viagem que profanará a cidade subterrânea, Rosalía veste-se com um traje próprio dos incas, que só poderia ser mostrando entre aquelas paredes, o jovem venda os olhos e ata as mãos de seu amante em uma última tentativa de respeito ao ambiente em que irão adentrar. Rosalía, na esperança de fazer seu amante sentir como eram as grande estátuas de ouro e outros tesouros daquele subterrâneo, desatou as cordas que prendiam aos mão de Diego Maldonado, mas o contato com os objetos que ali estavam só fizeram aumentar mais e mais a sua ganância e sua sede por dinheiro, que só pensava em sua volta para a Espanha, sua vingança contra seu irmão Sancho e em ter a jovem Eleonora para si. Assim, vemos sua reação quando a índia lhe diz que devem sair logo dali.

Pero apresurémonos. Las sombra. Las sombras duermen: guardémonos de despertarlas prolongando más nuestra presencia em neste sitio. He aqui montones de las perlas más hermosas que producen nuestros mares; he allí cerros de las más ricas “pepa” de nuestros lavaderos: toma todo lo que deseas, Diego, y salgamos de aquí pronto.

– ¡Salir de aquí! – exclamó Maldonado con delirante acento, –abandonar este inmenso tesoro que puede cambiar la faz del mundo , y que tú guardas enterrado, estúpida india. ¡No! Quiero que sea mío ¡lo será!

Y Maldonado fuera de sí, arrancó la venda que cubría sus ojos... (GORRITI, 1907, p. 118)

Nesta passagem, a revolta e a ambição de Diego Maldonado ficam expostas, além de seu descaso e desrespeito com Rosalía e toda memória e tradição de seu povo. Maldonado mostra o seu lado maquiavélico e tirano, parte de sua personalidade que até então a índia não conhecia e nem imaginava que existia, não esperava que seu amado, a quem havia dado todo seu amor, poderia traí-la e subjugar-la desta forma.

Após Maldonado dizer aquelas palavras de injúria à Rosalía e ter tirado as vendas dos olhos, descobrindo com sua visão profana o maravilhoso tesouro que existia ali naquele subterrâneo e os belos trajes e adornos que enfeitavam a índia que neste momento estava coroadada com as vestimentas antigas dos incas, o espanhol viu-se rapidamente vendado e amarrado novamente, só que desta vez por mãos fortes. Era Andrés, irmão de Rosalía, que o havia imobilizado e o levava sem dificuldade alguma para fora da cidade subterrânea e o afastava cada vez mais da esperança de roubar o tesouro.

Quando viu que não tinha chance para escapar da força que o levava para longe do tesouro, Diego Maldonado, mesmo com as mãos atadas, arrebitou um rosário e começou a deixar as contas do mesmo caírem para que, em outro momento, pudesse voltar e realizar seu intento de ser dono do tesouro. Através desta referência do texto, Gorriti vai nos fazer refletir que, mesmo tendo o catolicismo como crença religiosa e lei maior, os espanhóis apenas iriam usar a religião como meio de usurpar os bens dos americanos e como recurso para atingir seus interesses pessoais. Desta forma, mais uma vez, vamos perceber na narrativa a crítica massiva ao europeu que vai infringir os preceitos religiosos, passando por cima dos princípios e direitos do próximo para conseguir tudo o que deseja.

Porém, Andrés percebe as artimanhas de Maldonado e frustra sua tentativa de marcar o caminho para voltar à cidade subterrânea. Quando leva o espanhol até o lugar na rua onde ele e Rosalía haviam se encontrado para ir até o tesouro, o índio devolve todas as contas do rosário que Diego havia pensado que formariam um mapa para o seu destino de ganância e perversidade. Ao perceber que seu plano não tinha dado certo, o espanhol jurou vingança à família descendente dos incas:

Así, cuál sería su rabia cuando al separar-se de él, Andrés que hasta entonces no había pronunciado una sola palabra, le dijo alargándole algo entre la obscuridad de la noche:

– Señor caballero, aquí están las cuentas de tu rosario que ibas perdiendo en el camino.

– ¡Indio maldito! –le gritó Maldonado al alejarse de allí, – ¡tú me la pagarás!

Y fue á buscar al Intendente con quien se encerró largo rato. (GORRITI, 1907, p. 120)

Depois da ameaça ao índio e da raiva sem precedentes, Maldonado vai ao intendente de Cuzco, aquele mesmo que havia tirando as terras de Yupanqui e seus filhos, e denunciou que a família guardava um segredo, as misteriosas cidades

subterrâneas que ficavam abaixo de Cuzco e que encerravam atrás de suas paredes e galerias um tesouro nunca jamais visto. Devido a essa denúncia, o Intendente mandou prender Ypanqui e sua família, deixando evidente na narrativa o preconceito por eles seres ameríndios e também o desrespeito pela cultura e tradições dos antigos povos americanos.

Andrés, após abandonar Maldonado, foi até um amigo chamado Santiago e lhe confiou palavras ao ouvido e um objeto brilhante, que se imagina que fosse a chave da cidade subterrânea, pois este amigo também descendente do antigo povo inca poderia conservar o segredo de sua família e levar adiante a tradição de seus antepassados. Andrés já estava pressentindo que algo de muito ruim poderia acontecer a ele e a seus familiares que não quis arriscar que alguém, que não os descendentes do seu povo pudessem descobrir o segredo do tesouro.

Naquela mesma noite, ele, sua irmã e seu pai tiveram sua casa invadida, foram amarrados, amordaçados e levados a uma casa de campo do Intendente. Lá foram interrogados, principalmente Yupanqui que não disse uma só palavra sobre a cidade subterrânea e o tesouro, mas o Intendente tentando de todas as formas retirar alguma informação do índio fez com que Andrés e depois Rosalía fossem torturados até a morte na frente de seu pai. Andrés morreu sem desviar o olhar de seu pai e com o sorriso no rosto, pois não traiu em nenhum momento a tradição de seu povo. Rosalía pediu perdão ao seu pai por ter traído seu povo e aguentou as agonias da tortura também sem dizer nenhuma palavra. Yupanqui por sua vez ao ver os cadáveres de seus dois filhos, jogou-se em uma fogueira que estava preparada para si mesmo, e ardeu em chamas também a morte sem dizer uma palavra.

Através deste final que acometeu a família de indígenas da narrativa se pode inferir que a transgressão e traição da mulher índia, Rosalía, acabou por culminar em uma tragédia para todos seus familiares, assim como em “La quena”, em que a índia María rouba um pouco do tesouro de seus antepassados para tentar recobrar seu filho e acaba amaldiçoando sua geração. Semelhantemente, em “El tesoro de los incas”, a índia Rosalía, ao retirar um pouco do tesouro dos seus antepassados, para tentar ajudar seu amado, acaba por condenar toda sua família à morte. Ao escolher colocar um desejo seu à frente das tradições de seu povo, a índia vai condenar não somente a si pela traição, mas envolverá seu pai e seu irmão em uma rede de intrigas, pois a ganância do seu amante espanhol junta-se com a ganância do Intendente de Cuzco, que acaba por

torturar a família indígena até a morte em busca de informações para encontrar o grande tesouro e se apossar do mesmo.

Na narrativa de Gorriti, da mesma forma que temos a mulher que transgride as leis vigentes para alcançar e conquistar seus próprios desejos, temos essa mulher que se envolve com um europeu, ou seja, aqui ressalta a importância do nacionalismo, na narrativa vai ser ressaltado e valorizado tudo o que for próprio da terra americana antes da colonização, como as leis e tradições dos povos antigos, neste caso os incas, como a imagem dos indígenas e suas relações com a família e a terra. Será criticada a imagem do espanhol colonizador que virá para América apenas para usurpar os direitos e riquezas do povo que nela já está situado.

Neste sentido, vemos que a relação entre a mulher indígena e o homem espanhol vai ser um ato de barbárie que vai levar os povos antigos americanos desaparecerem, pois vai facilitar aos europeus a exploração a descoberta de muitos segredos do povo inca. Ao mesmo tempo que a mulher é transgressora na obra de Gorriti também serve como peça chave para a desgraça de seu povo e tradições.

Porém, enquanto em “La quena”, temos a presença de Camporreal e Ramírez que são os vilões, que assassinam, enganam e detém poder e dinheiro, sem serem castigados por seus crimes, em “El tesoro de los incas” acontece ao contrário, pois Maldonado é punido pela denúncia que causou o assassinato da família de Rosalía. Santiago, amigo de Andrés, faz justiça com suas próprias mãos e castiga Diego de Maldonado pelos sua ganância, maldade e egoísmo, ao erguer um morro de pedras em cima do cadáver do espanhol, o qual se criou a tradição de que todo índio deveria cuspir em cima, jogar uma pedra e uma maldição em memória daqueles que morrerão pela traição, defendendo o segredo antigo dos incas, do ouro das cidades subterrâneas.

Desta forma, vemos que Gorriti começou a mostrar em sua narrativa a mulher índia sendo castigada pelas suas transgressões, mas alguns contos de *Sueños y realidades*, mostram os castigos que sofrerão aqueles que vem corromper o nacionalismo e as tradições dos povos antigos da terra americana, pois os europeus que tentam enganar, usurpar e maltratar os índios acabam por sofrerem e não realizam seus intentos e vontades.

Percebemos isso também em outra narrativa do segundo tomo do livro *Sueños y realidades*. No conto “Si haces mal no esperes bien”, teremos a mesma configuração da relação entre a mulher indígena e o homem branco europeu, que de certa forma irá culminar com a tragédia para toda uma família. Nesse conto, não teremos a mulher que

transgride as leis de seu povo e suas tradições, e sim, a mulher como vítima da situação e do destino.

O conto inicia-se já com a referência indígena, há uma mulher no campo junto a sua filha, a menina se chama Cecília e tem apenas cinco anos, mas já quer brincar e foge de sua mãe para correr e saltar pela imensidão da natureza. A pequena índia deseja colher algumas flores douradas que estão perto de algumas pedras abaixo de onde se encontram ela e sua mãe, mas o que a Cecília não tinha ideia era de que poderia nunca mais ver sua mãe devido a este desejo de colher as lindas flores avistadas.

A mãe de Cecília correu para não deixar a filha sozinha, pois por aquelas bandas passavam geralmente muitos soldados e descendentes dos espanhóis, esses homens geralmente raptavam indígenas da idade da sua filha para servir de escrava já desde cedo ou de brinquedo para suas filhas que a tratavam como bonecas vivas, castigando quando achavam que era necessário. As crianças indígenas eram tiradas de suas mães para sofrerem todos os tipos de maus-tratos nas casas dos brancos europeus, que as subjulgavam e apenas ofereciam em troca um prato de comida e uma moradia.

Ao correr para pegar as flores, Cecília foi capturada por um soldado, mas a índia conseguiu derrubá-lo e tomar a filha de volta, porém quando o rapaz já estava embaixo dos joelhos da índia, ela sentiu uns braços forte lhe segurarem e lhe jogarem no fundo de um barranco, quase sem forças, a índia gritou pela filha, mas já era tarde demais, Cecília já havia sido raptada e levada para longe. Percebemos aqui a presença da mulher forte, da mulher que acima de tudo é mãe e faz de tudo por seus filhos.

Após terem roubado a pequena índia, os soldados seguiram viagem, mas foram abordados por salteadores, que os roubaram e deixaram a pequena Cecília sozinha e chorando a beira do caminho. No entanto, um francês que passava pela estrada salvou-a da morte e decidiu adotá-la como filha, pois já havia perdido uma menina e viu nesta coincidência do destino uma oportunidade de aplacar a dor de sua perda.

Nos contos “La quena” e “El tesoro de los incas”, tínhamos os espanhóis ou descendentes dos mesmos como vilões e agentes da desgraça sofrida pelos indígenas na América, que tinham suas mulheres corrompidas por falsas promessas de amor. Já em “*Si haces mal no esperes bien*”, diferentemente, a imagem do estrangeiro europeu não é totalmente negativa, pois vemos a maldade dos soldados de descendência espanhola que raptam a pequena índia, causando sofrimento e dor para mãe e filha, mas ao mesmo tempo vemos o viajante francês pensando em salvar a pequena índia, adotá-la e levá-la

para ser criada na Europa, pretendendo-lhe dar o que há de melhor em cuidados e educação.

Doze anos depois, aparece uma linda jovem chamada Matilde que escreve a seu irmão Guillermo, pois sente saudades do mesmo que está em uma viagem distante e demorada, mas recebe a resposta do irmão de que ele havia se demorado, pois havia encontrado o seu verdadeiro amor e estava trazendo-a para que a família conhecesse a bela moça que ele iria tomar como noiva.

Guillermo então descreve sua amada:

Amelia es hija de un sabio viajero que consagró á a ciencia su fortuna y su vida, y murió legándola sólo su nombre ilustre y su austera virtud.

Huérfana y pobre, pero con un alma rica de poesía y sentimiento, Amelia repartió su vida entre las melodías sublimes de su piano y el fúnebre silencio del cementerio. Alma de temple fuerte, todas las cosas de la vida son serias para ella; y en su mirada, en su voz, y en su actitud hay una expresión de melancolía dulce, de meditabunda gravedad, del todo ajena á las turbulentas hijas de la Francia, y que ella contrajo, sin duda, al aspecto solemne del desierto, bajo el velo de las árabes, allá en las lejanas regiones que recorrió con su padre. (GORRITI, 1907, p. 158-159)

A partir deste trecho, podemos inferir que Amelia poderia ser a pequena índia, que uma dia fora tirada dos braços de sua mãe, pois a relação com o viajante e a diferença de personalidade em relação a maioria das moças francesas da época nos remete a isso, mas o que aconteceria mais adiante na narrativa é que esta descoberta levaria a vários fatos trágicos que iriam se suceder.

O jovem Guillermo então leva Amelia até sua família para que a conheçam e informa que casarão logo. Matilde, a mimada e doce irmã de Guillermo, recebe a cunhada com todo o carinho e atenção, mas percebe que a mesma possui um olhar vago que parecia surpreso com sua visão de agora. Amelia acreditava já ter visto o ambiente em que estava, o que seu noivo não sabia era que ela já havia percorrido estes caminhos antes quando eram uma pequena índia ao lado de sua mãe, quando ainda se chamava Cecília.

Na estação de Lima, os jovens foram recebidos pelo coronel, pai de Guillermo e Matilde, neste instante ao avistar o futuro sogro, Amelia sentiu um medo repentino, algo misterioso que não sabia como explicar, mas afastou o mal sentimento de si e entregou-se às boas vindas do senhor que a saudava com alegria.

O tempo passou e Amelia nunca foi tão feliz quando nos dias que passara com o seu esposo e a família do mesmo em Lima. Porém, os pulmões da jovem começaram a ser afetados e a cada dia ela ficava mais pálida e enfraquecida. Os médicos de Lima então, aconselharam que a jovem deveria ir viver na serra, fazer total repouso, para poder recuperar sua saúde. Desta forma ela partiu com seu esposo e sogro para a cidade Jauja em busca de maior ar puro para minimizar sua enfermidade. Ao se despedir da cunhada, Matilde que os acompanhou até certo ponto do caminho chorou devido ao pressentimento que não voltaria mais a ver Amelia, quem já tinha mais do que uma cunhada e sim uma amiga e irmã.

Na viagem para a serra, Amelia sentia-se com muita falta de ar e ao mesmo tempo em que lhe apavorava o mal dos pulmões, um terror misterioso tomava conta de seu coração ao observar aquele lugar que cruzava. Foi então que avistou as flores douradas, as mesmas que ia buscar quando foi cruelmente raptada, Amelia começou a chorar e entre soluços pedia em pensamento para lembrar-se do que havia acontecido.

Em meio ao desespero de Amelia, detrás de uma montanha, desperta pelo choro copioso da mesma, uma índia saiu gritando e acusando o coronel de ladrão de honras e de crianças, sem saber o porquê e julgando-a uma mulher fora de seu juízo normal os viajantes seguiram, mas a índia continuou atrás dos mesmos. À noite, após todos estarem descansando junto ao fogo, a índia que aparentava ainda um pouco de juventude, mas que tinha o rosto marcado pelo sofrimento, adentrou o ambiente em que todos se encontravam e disse estar procurando o coronel. Amelia fez carinhosamente com que ela senta-se perto do fogo e a índia sem saber de nada narrou triste a história a qual lhe havia lhe tirado o juízo.

Gorriti, em sua narrativa, mostra a mulher como vítima da situação. Um dos exemplos é a índia que aparece acusando o coronel, pois a mesma quando jovem é violentada e fica grávida, sendo abandonada por sua família, devido a sua possível desonra. Nesta situação, a índia acaba criando sua filha sozinha, tendo-a como única alegria e quando a mesma é sequestrada ela entrega-se à loucura e à solidão. Novamente, como em “La quena”, temos uma mãe que faria tudo por seus filhos, pois, neste caso, chega até a demência pela dor ter perdido seu filho.

Também temos o exemplo de Cecília que foi tragicamente seqüestrada e acabou sendo adotada por um estrangeiro, transformando-se em Amelia e sendo acometida por uma terrível doença mais tarde. Neste caso, temos uma mulher vítima do destino que vai distanciá-la de sua verdadeira identidade e de certa forma silenciando-a, pois ao

ignorar sua origem a jovem não saberá contestar os direitos de sua raça e de seu povo indígena.

No entanto, Gorriti também traz a voz feminina, mostrando sutilmente que a união entre as mulheres é o que irá garantir a segurança para que se denuncie as mentiras e atrocidades cometidas pelos homens, pois é através da narrativa da índia ao sentar-se com Amelia que vai revelar todos os segredos que permeiam o conto:

– ¡Esteban! –gritó de repente – ¡quién dijo que Esteban murió! ¡Mentira! Helo allí, joven, alto y ligero. Baja con las ovejas de Casa-blanca. Es él, el mismo; esos son sus ojos, esos son sus negros cabellos. ¡Me llama! ¡No! Aléjate Esteban. El cura no quiere que pastemos juntos nuestros rebaños, porque somos todavía muy jóvenes para casarnos. ¡Como si en cualquiera edad no se pudiera amar, alabar a Dios y ser feliz! ¡Feliz! ¡Ah! Yo no puedo serlo: si el cura nos ha separado. Tú llevas el ganado á las alturas, y yo me quedo sola en el valle, sola con las cabras que, aunque saltan alegre, no pueden darme una gota de su gozo. Todo eso lo sabes tú muy bien; pero ¡ah! tú no has sabido jamás que...
¡Se aleja! ¡no quiere oírme! Ven, Esteban, ven. Yo te lo diré ahora, ahora que el tiempo y el dolor han curtido mi rostro y que la vergüenza no puede ya subir á mi mejilla.
He allí la peña donde yo lloraba esperando la tarde, la tarde que nos reunía á la luz del fuego, bajo los sauces de nuestro patio. De esa hondonada salió la voz del militar que me llamaba. Yo tuve miedo, y huí; pero él montaba un caballo veloz y me persiguió, me alcanzó, echó pie á tierra, luchó conmigo, y me ultrajó.
Y desde ese día, ya no quise verte, y huía de ti... y te dije: Esteban, no puedo ya ser tu mujer. Y entonces te amaba más que nunca. Pero debíais creerme inconstante y liviana; y al despedirte de mí me arrojaste llorando una maldición.
Después...un día mi padre púsose a mirarme fijamente y me dijo:
–Tú eres una mujer infame; has deshonrado mis canas y manchado la casa de tu padre. ¡Vete!
Y alzando la mano sobre mi cabeza, me maldijo.
Y yo anduve errante largo tiempo, huyendo como una fiera, de valle en valle, de montaña en montaña, desnuda, hambrienta, miserable. Pero al lado de mi dolor se elevaba una santa alegría. Dios se había apiadado de mí, y en el camino de mi infortunio había hecho nacer una flor... ¡Mi hija! (GORRITI, 1907, p. 168-169)

A partir da narrativa da índia, podemos inferir que há a relação de conflito entre brancos e indígenas, que ocorre através de relações de poder, nas quais principalmente o

homem branco militar e que possui poder aquisitivo, vai se valer dessas vantagens sociais para estuprar, violentar e subjugar as jovens índias da região, que trabalhavam no campo e pertenciam a famílias humildes. Desta forma, Gorriti traz na narrativa uma crítica ao modelo patriarcal e preconceituoso da sociedade, representados pelo coronel e pelo pai da índia, que vão mudar o destino da mesma tirando-lhe as chances de ser feliz e respeitada através da violência física e psicológica.

Percebe-se que a índia possui um amor de juventude, o pastor Esteban, e sente-se humilhada pela violação que sofreu e julga-se indigna de se unir ao seu amado, reflexos da sociedade machista que coloca a mulher como culpada da violência e desrespeito que sofre. Ela é vista como a desonra da família e, por isso, o pai a joga em uma situação de total vulnerabilidade e desesperança, na qual ela somente encontra forças quando se descobre mãe. Mais uma vez, como em o conto “La quena”, Gorriti mostra a importância e o poder do amor maternal na vida das mulheres. Este sentimento serve de mola propulsora para que a índia nunca desista de encontrar sua filha e isso serve como força para que ela denuncie a todos o mal que sofrera.

Após toda a narrativa da índia, fica claro para Amelia que ela na verdade é Cecília, a filha perdida da mulher que está sentada à sua frente. Isso causa um sentimento de desespero e a jovem cai desmaiada nos braços da índia ao perceber que ela também a reconhece. Mãe e filha reencontram-se, mas a confusão e a dor de Amelia logo a faz vir a si, pois a mesma ao racionalizar com calma percebe que é filha do coronel. Seu sogro, na verdade é seu pai, ele foi o homem que estuprou sua mãe, Amelia, ou melhor, Cecília é filha da violência e vítima de incesto sem saber. Para o desespero de ambos, Amelia e Guillermo dão-se por conta que são irmãos.

Além de haver neste conto a ruptura da família em todos os sentidos, pois já no começo há a separação entre a índia e sua filha Cecília feita de uma forma violenta e trágica e tendo como consequência a loucura e o incesto. Mais adiante na narração que a índia faz percebemos a ruptura familiar a partir da violência que a mesma sofre ao ser agredida sexualmente, já que é através da sua gravidez indesejada, originada de um estupro que a mesma vai ser expulsa de casa, a índia vai ser considerada como a desonra e a desgraça do seio familiar. Por último, temos a descoberta dos segredos que permeiam a família do coronel, ou seja, o filho Guillermo acaba por descobrir as atrocidades que o pai cometeu no passado, abalando a admiração e o carinho que ele mantinha por seu progenitor, assim como a notícia do incesto entre Amelia e Guillermo

que aterroriza toda família e mexe com as crenças dos dois, pois para a igreja e para a maioria das culturas é um pecado muito grave a relação amorosa cometida entre irmãos. Assim como nos contos “La quena” e “El tesoro de los incas”, temos no conto “Si haces mal no esperes bien”, a relação entre brancos e indígenas leva à tragédia, corrompendo as leis e as tradições da sociedade. Também temos nesta narrativa a presença da punição para aqueles que foram culpados pelos acontecimentos trágicos, como já diz o nome do conto, aquele que faz o mal, não poderá esperar outra coisa em troca. No passado, o coronel que violentou a índia e raptou Cecília, acabando por desgraçar a vida também de seu filho Guillermo, que sem saber casou-se com a própria irmã. Dessa forma, não aguentando o peso das desgraças a que seus atos nefastos levaram a tantas pessoas, o coronel acaba se jogando de um despenhadeiro e tem seu corpo comido pelos abutres, um suicídio trágico, de alguém que foi consumido pela culpa e pela total destruição de seu seio familiar.

Da mesma forma que em “La quena”, o final do conto desdobra-se na morte e nos acontecimentos mórbidos. Assim, como Héran no conto “La quena”, Guillermo torna-se padre com objetivo de redimir seus pecados e seguir a vida sem o amor que tanto lhe custara acreditar que era sua irmã. Repetindo os destinos das mulheres que transgrediram os valores e tradições da sociedade vigente dos outros contos, em “Si haces mal no esperes bien”, Amelia (Cecilia) acaba morrendo devido à sua enfermidade e ao desgosto a que foi acometida ao saber que casara com o próprio irmão, fazendo com que a aura de tragicidade e morbidez tome conta da narrativa, sendo que o padre Guillermo, enquanto vivera, visitava toda noite e velava o túmulo de sua querida Cecília, com o respeito daqueles que amam e idolatram os santos mártires.

Encerrando a análise desses três contos, podemos afirmar que todos vão tratar principalmente das relações de conflito que permeiam o contato entre indígenas e europeus, valorizando esta presença ameríndia como marca do nacionalismo, mostrando a origem dos povos pioneiros da América que foram corrompidos, escravizados e dizimados pelos europeus exploradores e usurpadores da terra, da cultura e do povo.

Juntamente com esta presença indígena, vemos também a valorização da nação que estava sendo recém-formada e as origens das tradições e costumes dos povos passados, assim como o desrespeito com a terra e com as leis dos antigos costumes por parte dos colonizadores e a relação de poder que os mesmos estendiam sobre os indígenas, tentando subjugar-los.

As personagens mulheres nos três contos aparecem como transgressoras, pois em sua maioria não aceitam a realidade que lhes é imposta. Em “La quena”, a índia María rompe com a tradição de guardar o segredo sobre as cidades subterrâneas e sobre o tesouro inca, para rever o filho que foi roubado pelo pai, o espanhol que lhe jurou amor com falsidade. Em “El tesoro de los incas”, vemos a jovem índia Rosalía que tenta pegar para si um pouco do tesouro inca das cidades subterrâneas para entregar ao seu amado, ato que lhe condena a morte pois o mesmo a trai. E em “Si haces mal no esperes bien” a índia mãe de Cecília denuncia o que sofrera e toda violência da qual foi vítima, na tentativa de recobrar sua filha raptada ainda criança.

Porém, ao mesmo tempo em que essas mulheres, por um lado, nos parecem heroínas, porque lutam por suas vontades e sentimentos, elas sofrem. Nos três contos, as mulheres aparecem também como vítimas dos brancos europeus e dos seus próprios atos de rebeldia com as tradições e as leis de seu povo, sendo punidas com a morte e, ao mesmo tempo, levam a tragédia para suas famílias e para quem as amam. Em “La quena”, a maldição de ter infringido as leis e ter roubado algo do tesouro inca para seu bem próprio amaldiçoou María e também seu filho Hernán que não conseguiu ter uma vida feliz ao lado de sua amada Rosa que foi tirada de seu convívio ao ser assassinada.

Em “El tesoro de los incas”, a traição do espanhol que Rosalía pensava que a amava acabou levando toda sua família à tortura na tentativa de descobrirem onde se localizavam as cidades subterrâneas. Em “Si haces mal no esperes bien”, muda um pouco esta relação, pois é uma ação de um homem e não de uma mulher que vai levar toda uma família à tragédia. São os atos de violência do coronel, como o estupro e o seqüestro, que acabam com que seus dois filhos se casem e a família seja desestruturada pelo incesto e acabe em tragédia, já que a enfermidade de Cecília é a menor das causas de sua morte, pois o desgosto que a acometeu ao descobrir que a sua vida toda foi uma ofensa à sociedade e a Deus tira toda sua vontade de viver.

Por fim, nos três contos, estabelece-se o final funesto e mórbido. Em “La quena”, temos a cena final de Hernán tocando o *De profundis* nos despojos de um fêmur, mostrando que o jovem mantém o esqueleto de sua amada perto de si. Em “El tesoro de los incas”, o índio Yupanqui e seus filhos André e Rosalía morrem em horríveis instrumentos de tortura sendo subjugados a terríveis sofrimentos. Em “Si haces mal no esperes bien”, as últimas cenas apresentam-se no túmulo de Cecília com Guillermo, que havia se tornado padre, velando seus restos todas as noites no cemitério.

Um marca muito forte nos contos “La quena” e “Si hasces mal no esperes bien” é o sentimento de maternidade, já que o ser mãe e enfrentar todas as barreiras pelo filho é algo constante nos escritos de Gorriti e remete à imagem de mulher forte que desafia as leis, a sociedade, os costumes e o patriarcalismo. Seja na transgressão da índia María para poder rever seu filho e o medo de não vê-lo nunca mais, presente no primeiro conto citado, como na espera e loucura da índia mãe de Cecília e em sua ânsia de recobrar a filha que foi arrancada de seus braços, presente no segundo conto citado.

Desta forma, fica claro que esses primeiros escritos de Gorriti analisados centram-se, primeiramente, no ideário nacional, buscando as origens da América nas tradições dos povos indígenas, mas tratando também de temáticas diversas, como a imagem da mulher e sua relação com a sociedade, o amor e seus percalços como a diferença social, o triângulo amoroso, a morte e sua relação com a tragédia e as cenas de morbidez que permeiam a aura final dos contos.

3.2 A importância da mulher na sociedade nacionalista

Percebemos nas análises dos contos anteriores que as obras de Gorriti são permeadas por personagens femininas marcantes, que mudam seus destinos – positivamente ou negativamente – e que sofrem também na tentativa de buscar o melhor para si, no caminho para realizar os seus sonhos e seguir seus instintos e sentimentos. Se necessário, elas transgridem as leis e as tradições da sociedade. A imagem da mulher como mãe batalhadora que faz tudo por seus filhos e da mulher apaixonada que ama seu amante e/ou sua família incondicionalmente é constante nas narrativas da autora, o que vai fazer com que a presença feminina nos contos seja importante para ser analisada, pois é através da mesma que toda narrativa irá se formar.

A mulher na obra de Gorriti também tem uma relação muito forte com as questões políticas e sociais. A imagem feminina aparece junto com a presença do nacionalismo, seja na valorização das origens dos preceitos indígenas e valorização da cultura nacional pioneira, no caso os indígenas, como na posição de destaque e voz que as mulheres irão ter nos contos posicionando-se politicamente sobre os conflitos que estavam acontecendo na época.

Gorriti vai colocar, em seus escritos, as suas vivências em meio aos conflitos sociais de sua época. A luta pela independência e as guerras civis argentinas vão ser

pano de fundo da realidade da autora e são essas impressões do que viveu que vai tratar também em suas ficções:

Numa configuração que se assemelha à Guerra Civil Americana, o campo de batalha na Argentina nas décadas de 1830 e 1840 era dividido entre dois grupos, os unitaristas e os federalistas. Grosso modo, os unitaristas eram orientados pela base sediada em Buenos Aires e pelos republicanos liberais europeus, que defendiam o livre comércio e uma república progressiva, secular, centralizada em Buenos Aires. Seus opositores, os federalistas, representavam uma aliança entre dois grupos: o primeiro formado pelas elites agrárias do interior, defensores de uma autonomia local, de uma economia tradicional, do protecionismo comercial e do poder da Igreja; o segundo grupo, formado por uma nova leva de capitalistas que tinham recém-instalado a indústria do gado na província de Buenos Aires, depois de várias experiências comerciais fracassadas com a Europa. Após a independência, os unitaristas formaram uma República Argentina centralizada e consagraram a Constituição de 1826. Mas todo o esforço foi em vão. Nos anos de 1830 os unitaristas perdem o poder para os federalistas e durante vinte anos os dois grupos mantiveram um acirrada guerra civil. (PRATT, 1994, p. 134)

Através dessa citação, fica um pouco mais clara a realidade social na qual Gorriti insere sua ficções e, desta forma, inferimos que a mulher em sua luta por seus direitos vai ser apresentada nos contos da autora como partidária de um dos lados do conflito, seja em suas próprias convicções como também no apoio aos seus pais e familiares ou por quem é apaixonada.

Neste sentido, percebemos as diversas configurações e situações em que se encontrarão as personagens femininas nos contos “El guante negro”, “La novia del muerto”, “La hija del masorquero” e “El lucero del manantial” e pois em todas estas narrativas as mulheres passam pelos percalços de conflitos e guerras, exprimindo e mostrando seu ponto de vista através de seus atos e escolhas.

Em “El guante negro”, o conflito civil aparece representado através da metáfora de um triângulo amoroso em que – mezclados aos personagens fictícios – aparecem personagens históricos: Manuela Rosas e Juan Manuel de Rosas. Nesta narrativa, as mulheres protagonistas mudam a história e o destino dos demais personagens.

Em “La novia del muerto”, reaparece a relação de conflito entre unitários e federais e, como nesses outros contos recém-citados, a protagonista vai contra a

ideologia de seu pai ao se apaixonar por um homem com ideal político diferente do mesmo. Repete-se à referência à obra *Romeu e Julieta* e à tragicidade shakespeariana, bem como o final fantástico comum a vários dos contos de Gorriti.

Em “La hija del masorquero”, a relação com o ideário nacional e o conflito político ficam evidentes, pois a protagonista é vista como um ser angelical, mas que irá mudar a realidade das personagens, tal como no conto anterior. Aqui também se destaca o relacionamento amoroso e a relação entre pai e filha, paradoxo em que a filha do mazorqueiro aparece como cheia de bondade, enquanto seu pai comete diversas atrocidades com as pessoas.

Por fim, no conto “El lucero del manantial”, a protagonista aparece também como um ser de bondade, sendo aqui comparada a uma fada, até mesmo por possuir o dom de pressentir a tragédia que lhe aparece em formato de sonho, como um mau presságio relegando à morte tudo que ela mais ama. Sendo fada, como em “El lucero del manantial”, sendo mulher celestial, como em “La hija del masorquero”, ambas personagens conto irão transgredir as tradições por amor e sofrer a experiência do amor carnal com um desconhecido, considerado como um escândalo em pleno século XIX.

Nesses quatro contos a serem analisados, vamos perceber que as mulheres – mãe, esposa ou filha – são protagonistas e serão instrumentos de desestabilização da sociedade e dos homens de suas relações irão mudar suas vidas devido às ações dessas mulheres, que não permitirão serem levadas pelo destino a que o sexo masculino tentará lhes impor. As mulheres nos contos de Gorriti são (ou pelo menos tentam ser) donas do próprio destino, mudando e tendo uma vida de acordo com suas próprias ideologias.

As relações políticas tão presentes nos contos da autora e que funcionam como base para essas narrativas serão de suma importância para o posicionamento feminino das personagens na sociedade em que se inserem, pois nesse contos as mulheres, ativas em suas ações, escolherão um lado para lutarem, quase sempre o lado unitário e contra os federalistas, representação que evidencia o ideal político de Juana Manuela Gorriti. No entanto, cabe lembrar que, apesar da autora exaltar mulheres fortes e guerreiras, filhas e amantes de unitaristas, Gorriti também vai mostrar os horrores da guerra na visão de mulheres do lado federalista. Assim como vemos em:

Gorriti, en cambio, relata el horror desde el lado de una mujer federal a la que la guerra y sus confusiones vuelven loca (...) Gorriti hace literatura en contra de sus propias convicciones políticas, colocándolas, también, en situación de riesgo.

Gorriti es la voz de la locura y de la guerra en la literatura argentina del siglo XIX porque convoca en su escritura a todos los fantasmas de la patria: indios desposeídos, mujeres arrasadas, padres e hijos enfrentados a muerte, incestos, adulterios. No hay familia posible. No hay tregua en su escritura. Su pacto final con la modernidad es tramposo porque obliga a repensar el terreno inestable sobre el que se construye. En esta marca de inestabilidad reside la mayor eficacia de su producción. (IGLESIA, 1993, p. 9)

Nesse trecho, observamos que, além da visão do lado unitário, Gorriti também irá mostrar mulheres que irão narrar os fatos desde o ponto de vista dos federalistas, não colocando as personagens apenas como um reflexo de sua realidade, mas também abrindo o leque de oportunidades e possibilidades para que a imagem feminina em seus contos pudesse ser a mais múltipla possível, pensando na importância de apresentar diversos exemplos de mulheres de ação e de opinião, transgredindo e mudando destino da sociedade nas narrativas.

Além de mostrar a visão dos dois lados da guerra civil argentina, Gorriti apresenta também, como aparece na citação, a família em ruínas. A primeira das transgressões femininas é que são as mulheres os agentes principais da desestruturação familiar, pois é através das ações de uma mãe que foi afastada de seu filho, que a mesma vai trair as tradições de sua família. Da mesma forma, é através da louca paixão que uma jovem terá por seu amante que irá contra os preceitos, regras e ideologias políticas de seu pai, assim como que é através do amor incondicional pelo filho que uma mãe vai assassinar seu próprio marido para salvar seu filho. Neste sentido, vemos a primeira das instituições, no caso a familiar, em ruptura, em decadência, deixando claro que a autora traz essa temática para instigar a reflexão sobre a família e as bases estruturais que a compõem e mantêm.

Outra temática indispensável de ser observada na obra de Gorriti é a relação com o fantástico e a loucura. Na maioria desses contos, a loucura e o fantástico misturam-se e relacionam-se, dificultando para o leitor saber se realmente há uma ambiente de insanidade ou há a presença forte da fantasia. O certo é, no entanto, que as lendas e as crenças em fantasmas da população hispano-americana ajudam muito na verossimilhança dos contos de Juana Manuela Gorriti, pois estarão presentes aí o sobrenatural que vai beirar à realidade e surpreender os leitores.

As personagens femininas de Gorriti acabam enlouquecendo devido ao grande sofrimento pelo qual passam, seja na perda dos filhos, do amor de sua vida ou de

familiares em geral, mas o que surge de forma intensa também é a loucura pela morte ou perda também de pessoas do povo. No caso de “El guante negro”, por exemplo, no qual Isabel fica louca após ver a derrota dos unitários e a perda de seu amor em campo de batalha, a morte aparece como instrumento causador da loucura, pois transforma a realidade em doloroso tormento e a insanidade vai funcionar como uma escapatória dessa realidade insuportável de ser vivenciada de forma racional.

Também há a presença do fantástico, geralmente apresentado ao final da narrativa, como se fosse uma forma de amenizar os acontecimentos trágicos para os quais os contos, em sua maioria, encaminham-se, é uma tentativa de suavizar o final trágico e, ao mesmo tempo, deixar a dúvida sobre a possibilidade de ter acontecido ou não o que foi apresentado na obra.

As personagens femininas, após chegarem à loucura, tornam-se seres que visitam durante a noite as ruas das cidades e os campos de batalha nos quais tiveram a experiência de verem seus entes queridos mortos. As mulheres aparecem vestidas de branco, entoando alguma canção fúnebre ou chamando por aqueles que já morreram para expressar sua saudade e seu sentimento de derrota ao não poderem ter mudado o seu destino, por não terem evitado tanta dor e tristeza que as guerras civis e suas consequências causaram.

Vemos, então, que Gorriti vai permear seus contos com um ambiente que vai preambular entre o real, o fantástico e a loucura em que as mulheres serão as protagonistas e irão ser as principais agente da narrativa. No entanto, ao mesmo tempo em que há essa autonomia e ação feminina, essas mulheres também são vítimas da ação do destino e, principalmente, das guerras civis, que consomem tudo o que elas conhecem como base de sua vida. As suas paixões são vítimas da morte, acabam se afastando e traíndo algum familiar para salvar outro, elas têm seu ideal político desestruturado pela perda da guerra e são subjugadas à tristeza, ao desespero e à dor de terem perdido entes queridos e amigos.

Em “El guante negro”, publicado inicialmente no primeiro tomo de *Sueños y realidades*, é narrada a história do triângulo amoroso entre Wenceslao, Manuelita e Isabel, metáfora do conflito histórico-social que a sociedade argentina de então estava vivendo: a batalha entre federais e unitários. No início do conto, a jovem Manuelita – ficcionalização de Manuela Rosas, filha do ditador Juan Manuel de Rosas – visita o jovem soldado federalista Wenceslao. Se a personagem histórica acompanhava seu pai e

era apresentada como primeira dama da Argentina na época, a autora vai mostrar essa personagem como a mulher símbolo do lado federalista.

Já no início da narrativa vemos a representação de uma personagem feminina transgressora, ativa e cheia de coragem para os padrões da época. Manuelita vai sozinha até a casa de Wenceslao, visitando seu quarto e dando a entender que já havia estado ali outra vez, o que nos remete a inferir que eles já tinham uma ligação íntima. Wenceslao foi ferido numa batalha pessoal ao defender a honra de Manuelita e, de forma indireta, o poder do seu pai. Comovida com o gesto de seu apaixonado, a jovem vai ao seu encontro e os dois têm um diálogo apaixonado, mas que irá transformar o destino do jovem soldado para sempre.

Manuelita aparece no conto “El guante negro” como uma mulher forte, apaixonada, corajosa e dona de si, o suficiente para visitar o quarto de seu amor à noite. Se a jovem, por um lado, queria manter os curiosos afastados, dirigindo-se até a casa de Wenceslao naquela hora da noite, há outro motivo para essa visita ser noturna: por ser o momento dos apaixonados, a hora que se pode transgredir e liberar o desejo e as paixões:

Y quitando él mismo el guante de tul negro bordado de arabescos, que cubría la linda mano de joven, imprimió en ella un beso que debió ser muy apasionado, porque Manuelita retiró vivamente su mano, sus ojos se bajaron al suelo, y una nube de rubor cubrió su alta frente.

– ¡Lisonjero! – dijo ella, haciendo un esfuerzo para serenarse y sonreír, –¿qué, hay de más natural que el que yo me encuentre aquí, á esta hora, así inclinada sobre vuestro lecho? (...) Qué dulces habrían sido para mi corazón los cuidados que o prodigara! Pero me encadenan lejos de vos, la necesidad que mi padre tiene de mí, y el terror de ese mundo que se ha apoderado de mi vida para destrozarla, como si no fuera aun bastante triste y contrariada (GORRITI, 1907, p. 93-94)

Percebemos neste trecho a sensualidade, mesmo que sutil, do toque e a relação do corpo. A cena é clara para os padrões do século XIX, pois Manuelita aparece sentada na cama de Wenceslao enrubescida pelo toque dos lábios do jovem em sua mão. Esse gesto a faz viajar em volúpia, mas em seguida volta a si, recorda-se das responsabilidades que a chamam para a realidade do mundo em que vive, afastando-a de seu amor e de sua real vontade. Apesar de ser uma mulher decidida a realizar suas vontades, também percebemos uma Manuelita sempre disposta a fazer tudo pelo seu povo e pelos ideais de seu pai, pois a jovem tem noção de suas responsabilidades como representante do

governo de seu pai e no que suas atitudes acarretariam se ela se entregasse aquela paixão arrasadora.

Essa primeira cena trata-se, no entanto, de uma despedida, pois Manuelita – convicta de suas responsabilidades – sabe que não poderá relacionar-se com Wenceslao e também sabe que o mesmo será promovido e irá marchar com seu pai para o norte da Argentina. Em meio a essa situação, Manuelita afoga seus sentimentos para não sofrer e despede-se do jovem soldado. No entanto, antes de ir embora, procura a luva negra que havia tirado de sua mão, mas não a encontra. É, neste momento, que sem saber Wenceslao terá o seu destino mudado. Como vemos no diálogo dos dois jovens, a relação de intimidade e amor entre os mesmos é grande e muito significativo, algo que irá ficar marcado para a vida toda:

– Adiós, Wenceslao – le dijo, extendiendo la mano sobre la cubierta de la cama, para buscar el guante que aquél habíale quitado. –Son las once y me queda poco tiempo para llegar a Palermo antes que cierren las puertas...Pero... ¿qué he hecho de mi guante?

– Yo lo tengo – dijo Wenceslao, descubriendo su pecho y mostrando el guante sobre el corazón. –Manuelita, deseo conservarlo eternamente en memoria de esta noche. ¿Cómo queréis que lo guarde? ¿cómo una conquista o como una prenda?

–Como prenda de amistad – respondió ella, alzando con graciosa coquetería la extremidad de su velo, y enviando un beso á Wenceslao desde la puerta. (GORRITI, 1907, p. 96)

Este trecho marca a despedida entre Manuelita e Wenceslao, mas a jovem filha do ditador Rosas, mesmo não aparecendo no restante da narrativa se fará presente através da sua luva negra que ficou com seu amado. Gorriti trará a todo instante a imagem desta luva como lembrança da jovem e também como despojo mortuário, já que fará uma crítica aos federalistas, evidenciando que os mesmos só trazem tragédia e morte ao povo e aos oficiais unitários. Após Manuelita retirar-se sem sua luva, Wenceslao permanece acamado, acreditando fielmente no amor de Manuelita e que seria feliz e realizado ao lado dela, já que é um soldado federal e, assim, estaria completo no amor e na sua ideologia.

O jovem, no entanto, lamenta fortemente não conseguir realizar seu sonho por ter se apaixonado perdidamente por Isabel, uma linda mulher de cabelos e olhos negros, filha e partidária do lado unitário. Logo após, Isabel chega ao quarto de Wenceslao por uma

porta secreta que ligava sua alcova ao pátio da casa onde morava. Desta forma, Isabel poderia adentrar os aposentos do rapaz sem ser vista.

Bem ao estilo romântico da época, a jovem unitarista Isabel é caracterizada como uma figura etérea de cabelos e olhos negros e envolta em um manto branco, parecendo mover-se quase sem tocar no chão. Esta visão que autora traz já faz referência a que a Isabel parece um ser encantado de um mundo de fantasia, um ser de luz que vagava a noite para levar a paz para aqueles que ansiavam por ela. Todas as maneiras que a personagem é caracterizada é através de um viés místico em aparece quase como um ser fantástico ou através do seu dom de pressentir os acontecimentos.

Wenceslao, quando vê Isabel, tem seus fortes sentimentos por Manuelita se desvanecerem e, neste momento, só existe a mulher, a qual ele chama de anjo e fada, esquecendo de sua ideologia federalista.

Ele recebe sua amada de maneira apaixonada em sua alcova, mas percebe que a mesma se mantém distante e parece um pouco fria. Isabel conta a seu amado que desde pequena tinha o dom da premonição e que sempre prenunciava a desgraça e a tragédia em seus sonhos e em seus sentidos, tanto que todo mal que lhe acontecera ela já havia sentido que iria acontecer, mas não podia mudá-lo, foi quando a jovem revelou que sentiu que algo lúgubre, como se fosse uma sombra, uma mão inimiga lhe afastava do seu amor, parece que uma força sobrenatural afastava-a de Wenceslao, como se já pressentisse que sua rival estava ali há pouco tempo atrás.

Essa premonição de fato tornou-se realidade ao ir cuidar da ferida de seu amado, pois ali se encontrava a prenda que Wenceslao havia pego de Manuelita: a luva negra no peito de Wenceslao, como se estivesse cobrindo a ferida que o jovem possuía perto de seu coração. Ao ver aquele objeto, aquela peça que um dia cobriu a mão de uma federalista, de sua rival, de outra mulher, daquela que tinha alguma importância para o seu amado, pois de outro modo o mesmo não teria guardado esta lembrança em seu peito, Isabel caiu de joelhos e entre dor, soluços e lágrimas, reconheceu para Wenceslao que ao ter relações com ele havia manchado a memória de seu pai e desonrado e vingança a que tinha consagrado sua vida após seu progenitor ter sido morto pelos federalistas.

Percebemos que Isabel aparece no conto como um ser fantástico e cheio de leveza, mas ao mesmo tempo uma mulher que transgride as tradições da sociedade, pois vai à casa do amado de noite para cuidar de sua ferida, mas sua louca paixão lhe movia para os braços de seu amado na ânsia de vê-lo e tocá-lo. Tanto na relação com Manuelita

quanto na relação com Isabel, Wenceslao mostra-se muito apaixonado, este amor aparece sempre de forma sublime e as duas amantes são transgressoras, mesmo sem uma ter conhecimento da outra.

Isabel aparece como uma mulher forte e decidida, que não se limita a regras e tradições, pois trai seu povo e a memória de seu pai, que foi assassinado pelo federalistas, já que se apaixona por um federal e incondicionalmente se entrega a este amor sem reservas. Porém, a mesma ainda parece como uma mulher altiva e que não se submete somente a vontade dos homens, porque depois que descobre a luva de outra mulher no peito de seu amante, ela vai se envolver em uma couraça de força e coragem, mesmo com o coração apaixonado, sangrando pela traição, Isabel irá rechaçar Wenceslao e dizer que foi um erro a relação que teve com ele. Aqui a personagem vai se posicionar em uma situação de poder em que terá o homem em sua mão, já que o jovem federal vai sentir-se desesperado em pensar na possibilidade de não vê-la mais e tenta de todas as formas que ela o perdoe, mas Isabel é categórica, como vemos no seguinte trecho:

De repente su mirada cayó sobre el guante negro que estaba en el suelo. Un estremecimiento convulsivo recorrió su cuerpo, en sus negros ojos brilló un rayo de tremenda cólera, y uno de esos malos pensamientos, hijos de los celos, que convierten al ángel en demonio, surgió en su mente y mordió su corazón.

–Que muera para mi amor – murmuró, – con tal que se aleje para siempre de ella.

Y fijando en Wenceslao una mirada fascinadora:

– Hay un sitio – le dijo – donde podríais persuadirme que lo que he visto esta noche ha sido un sueño, uno de esos malos sueños que bajan á torturar el corazón, pero este sitio está... ¡entre las filas del ejército unitario!

Y desapareció entre las sombras que se extendían al otro lado de la puerta. (GORRITI, 1907, p.102-103)

Através desta passagem percebemos que Isabel se mantém firme no seu ideal político. Ela põe a sua ideologia e seu orgulho acima do seu amor por Wenceslao, marcada pela traição do mesmo ela transforma seu carinho em fúria e sua ternura em indiferença. Aqui a imagem da mulher celestial, etérea e suave dá lugar para uma personagem feminina repleta de ciúme, desejo de vingança e rancor, mas que é forte o suficiente para lutar sozinha por seus direitos. Isabel, ao invés de chorar a traição de seu amado, vai se munir de forças para continuar sua vida, mas exige que para ter o seu

perdão Wenceslao deixe os federalistas e comece a lutar ao lado dos unitários. Para ele, isto seria uma total desonra e é isso que Isabel desejava então em troca de sua decepção. Desesperado, Wenceslao, após a saída de sua amada Isabel, não sabia qual rumo tomar, se esquecia o amor que sentia pela doce Isabel, que agora já não o amava mais devido aos seus erros, resignando-se entre a tropa federal e tentando conquistar ainda a mão de Manuelita ou se decidia passar para o lado unitário e tentar reconquistar o amor de Isabel, o qual ele não consegue viver sem.

Na tentativa desesperada de encontrar uma saída para sua vida, Wencelao mostra-se fraco, pois no auge do desespero descobre a ferida do próprio peito, tira-lhe a bandagem que a está cobrindo e abre-a ainda mais na tentativa de acabar com a própria vida. Vê-se aqui a fraqueza do homem frente à força da mulher. Gorriti traz no seu escrito uma crítica forte à questão de gênero e diferentemente do que ela vê na sociedade em está inserida, traz em seu conto “El guante negro”, a mulher forte que é determinada em seus ideais e pensamento, enquanto o homem é atingido pelas ações femininas, deixando de tal maneira tão abalado e dependente, que o mesmo ao pensar em ficar sem sua presença, já objetiva o suicídio como fuga da realidade.

Neste ponto da narrativa é que teremos a presença de outra mulher, tão importante quanto as que compõem o triângulo amoroso e o conflito acima analisado. Entra em cena a mãe de Wenceslao, outra mulher forte, que vai contra tudo e contra todos em prol da vida de seu filho e de suas convicções do que é certo e o que é errado. Margarita, a mãe do rapaz, interrompe a agonia do mesmo ao chegar bem na hora em que ele havia retirado os curativos de sua ferida. Se sua mãe não chegasse a tempo, ele poderia ter sangrado até morrer, outro ponto que destaca a coragem e a força da mulher perante a fraqueza do sexo masculino em “El guante negro”, pois o homem que é salvo pela mulher e não o contrário.

Assim, como em outros contos de Gorriti, por exemplo “La quena” e “Si haces mal no esperes bien”, que possuem a imagem da maternidade bem acentuada, “El guante negro” destaca o ser mãe não como uma fraqueza para a mulher, mas sim como uma vitória, dando poder, autenticidade e coragem para as personagens femininas, pois é através do amor de mãe, que aparece nos contos que as mulheres vão ganhar autonomia e vão mudar seus destinos e os destinos das outras personagens.

Após a tentativa de suicídio, Wenceslao toma a decisão de seguir tentando reconquistar o amor de sua amada Isabel e deserta do batalhão federalista para lutar ao lado dos unitários, em busca do perdão de sua amada. Mais uma vez aqui, percebemos o

poder feminino de persuasão e o homem mudando suas convicções e ideologias em busca da aceitação e do amor da mulher. Diferentemente dos contos anteriores que foram analisados, em “El guante negro”, o homem é que irá ser subjugado pela mulher e persuadido a fazer o seu desejo para ter o seu amor de volta.

Wenceslao não imaginava que sua deserção iria desencadear vários fatos trágicos em sua vida e que esse ato de ceder à vontade de sua amada unitarista que estava cheia de rancor, por seu relacionamento com Manuela Rosas, iria mudar para sempre a sua vida e o destino de sua família. Margarita é uma mulher que irá fazer de tudo para proteger seu filho, o amor incondicional que ela possui por seu filho faz com que observe os mínimos detalhes e tenha muito cuidado com tudo que seja relativo ao rapaz, foi devido a este cuidado extremo que ela descobre algo horrível e que a faz tomar uma atitude inesperada em defesa de Wenceslao.

Gorriti mostra Margarita tentando raciocinar o porquê de seu marido Ramírez ter mudado de atitude e parecer tão frio ultimamente, o que ela havia percebido era que após ele ter recebido uma carta de um espião e o mesmo dito o nome de Wenceslao na conversa, começou a ter atitudes diferentes. Esta desconfiança mantinha um peso em seu coração e seu amor de mãe, que era mais forte do que tudo, parece que falava para ela prosseguir na tentativa de descobrir o que havia na carta que seu marido recebera.

Então, a mãe do jovem herdeiro federalista foi até o escritório do marido para tentar ler a carta, para seu susto e surpresa de dentro da mesma caiu uma luva negra aos seus pés, aquele despojo lhe causou o mais profundo horror, pois agia aí como um símbolo mortuário, que ao coração de uma mãe pareceu a mão da tragédia e da morte que posava em seu coração para dilacerá-lo e, neste momento, ela só temia por seu filho, principalmente ao ler na carta as palavras escritas pelo próprio:

“Isabel:

El hombre á quien has puesto en la horrible alternativa de hacerse un traidor ó de vivir sin ti, ese hombre fuerte á quien sus compañeros llaman el león de los combates, ha sucumbido miserablemente en la lucha del amor con el deber. ¡Oh, vergüenza” Honor, deber, amistad, gratitud, todos los sentimientos nobles del corazón han callado ante la idea de perderte para siempre, de renunciar á la dicha de contemplar tu rostro, de arder bajo el fuego de tu mirada, de sentir el contacto de tu mano, de escuchar el sonido de tu voz.

Tu amante para quien el honor era la vida, llevará pronto sobre su frente el sello de la deserción, ese bautismo de oprobio, que la muerte misma no podrá borrar. El ejército de Lavalle se halla á dos jornadas de aquí, y el sol de mañana

me verá en sus filas, volviendo mi espada envilecida contra la causa que tenía mis simpatías, contra mi protector, y contra mí mismo padre.” (GORRITI, 1907, p. 109)

A carta de Wenceslao para Isabel, que fora interceptada por um espião federal e entregue a Ramírez, pai do jovem, revelava então, para Margarita, o horror e o medo das consequências da traição do filho e remete também a afirmação da ideia de que o homem, neste contexto, iria se subjugar a tudo e obedecer as vontades da mulher, devido a sua grande paixão, não se importando com a traição, com os amigos, a família ou com a honra e ideário político. Nesta carta, ficará marcada fortemente o poder que Isabel exerce sobre Wenceslao, através do amor que ele sente por ela, como se a mesma representasse no conto uma feiticeira, uma fada encantada que com sua mágica conseguiu fazer com que ele atenda aos desejos dela.

Após ler a carta, a mãe de Wenceslao não conseguiu se conter e acabou por desmaiar de desespero e angústia, que é ampliada ao descobrir que seu marido pretende matar o jovem traidor, mesmo sendo seu filho, já que a traição era algo sem perdão e Ramírez já não o considerava filho, apenas um traidor qualquer, que havia manchado com a desonra as filas de todo exército federal.

Ouvindo as palavras horríveis que seu marido pronunciava e, após tentar argumentar do contrário, Margarita percebe que, como mãe, deveria zelar e proteger Wenceslao e a força de uma mãe ultrajada pela ameaça de morte ao seu filho foi muito mais intensa do que qualquer força física:

– ¡No! no me arrancarán de aquí – decía ella con voz ahogada, – quiero librar á mi hijo de la muerte, y á ti de un horrendo crimen! ¡quiero interponer mi pecho entre el tuyo y los golpes de un asesino!

– ¡Margarita! – exclamó con voz solemne, – ¿quieres ver morir á tu hijo? ¡Sea! lo verás morir, porque juro que nada puede salvarlo!

A estas palabras los ojos de la madre centellearon como los de una leona herida, sus lágrimas secaron de repente, y poniéndose en pie, pálida y terrible como la imagen de la fatalidad:

– ¡Ramírez! – gritó acercándose á su marido – ¿es cierto que nada puede salvar a mi hijo del horrible destino que le reservas?

– ¡Nada! – respondió con firmeza el coronel.

– ¡Nada! – replicó ella, con acento extraño, – ¿nada, ni mis ruegos, ni mis lágrimas, ni la memoria de los días felices que nos ha dado en los veinte años de su existencia?

–¡Nada! – repitió él con voz lúgubre. –Soy un juez, he condenado á un criminal, y yo mismo ejecutaré la sentencia.
–¡Pues muere tú! –gritó la madre, – muere tú, porque yo quiero que mi hijo viva, aunque sea sobre las ruinas del mundo.
Y arrebatando el puñal que estaba sobre la mesa, lo sepultó en el corazón de su esposo. (GOORRITI, 1907, p. 116-117)

Nesta passagem, a revolta de Margarita ao tentar defender seu filho e perceber que não há chance de mudar as ideias de seu marido, Ramírez, que deixa de lado sua imagem de pai, para fazer justiça com as próprias mãos ofendido com a traição de seu filho. Ele irá tomar uma decisão cruel sem pensar em sua família, pois Ramírez não atende aos pedidos de súplica e não se compadece com as lágrimas de dor da esposa, seguindo com seu plano de matar o filho, provocando a reação de Margarita, que vai mostrar de maneira mais acentuada a importância de suas ações para o desenrolar da narrativa.

Já que não segue seus pedidos e não aceita a sua vontade, Margarita mata seu próprio esposo em nome da vida de seu filho. Aqui a mulher vai aparecer com coragem e determinação, acabando com a vida daquele que é uma ameaça para si e para quem mais ama. A personagem feminina irá transgredir as leis, pois irá cometer um assassinato e, ao mesmo tempo, irá fazer justiça com as próprias mãos em prol do sentimento maior que a move que é a maternidade.

Assim, a maternidade vai ser uma temática muito abordada nas obras de Gorriti, é parte deste sentimento que as personagens vão agir, no ímpeto de proteção e conservação da vida daqueles a quem colocou no mundo, pois para elas não há nada mais importante. Margarita, além de infringir as leis, vai ir contra a instituição da família, pois irá tirar a vida de um dos membros de sua família, em detrimento da salvação de outro.

Além de mostrar outra personagem feminina de ação e opinião, como é o caso de Margarita que vai mudar o seu próprio destino e o destino de toda sua família que foi totalmente desestruturada pelo assassinato de seu próprio marido, Gorriti irá evidenciar a temática da família e sua falência como constituição. Não existe mais o seio familiar, foi corrompido pela dor e pela transgressão, não há mais salvação. Vemos que as mulheres são os agentes de ação destes acontecimentos, pois é por causa de Isabel que Wenceslao trai os federalistas e devido a essa traição que Margarita se vê na obrigação de matar o marido pela salvação de Wencelsao.

A ruptura familiar vai ser recorrente e a autora pretende com isso fazer uma crítica a esta instituição, pois observa que a mesma está em falência e está se dividindo e se destruindo de dentro para fora, com traições constantes, desrespeito e a falta de compreensão entre seus membros. Este assunto é um tanto quanto transgressor para o século XIX, mas é neste ponto que a autora ganhará lugar como escritora, já que inova tanto em sua forma de narrar, quanto em suas temáticas e assuntos que são apresentados e criticados em seus contos.

Após toda essa tragédia acontecer, Wenceslao que presencia estes fatos, vai voltar para o lado dos federalistas para honrar a memória de sua família, devido à morte de seu pai e a desgraça que se acometeu sobre a sua mãe, desta forma o jovem jura para si mesmo que não voltará a ver Isabel que foi a culpada por toda desgraça que se abateu sobre seus entes queridos, e promete para si mesmo vingar-se da tragédia que lhe aconteceu por ter infringido as leis de seu pai e de seus ideais políticos, para isso, iria lutar com toda sua coragem e força para acabar com o exército unitário.

Então o conto chega ao fim com a imagem da triste batalha do dia 28 de novembro em que os federalistas saíram ganhadores, porém a morte e a tragédia se instauravam naquele deserto sem fim de onde já tinha cessado os gemidos e havia se transformado em um jardim de corpos inertes regados pelo sangue de unitários e federais que haviam lutado até o fim. A cena de dor e tristeza marcada pela morte é uma crítica de Gorriti, ao mostrar que nas batalhas ambos os lados perderam muitas vidas desnecessárias e que a busca pela paz seria um caminho que não foi escolhido e, desta forma, muitos sacrifícios ainda foram vistos devido ao conflito entre unitários e federais.

E mais uma vez, temos a imagem da mulher, que perde tudo o que mais ama e que, por mais que transgrida, que lute e seja ela mesma em busca da realização de seus desejos, mostrando seus próprios sentimentos, ela acaba sendo castigada de alguma forma: traída pelo seu amado, pela sociedade ou perdendo seus entes queridos. Ao final do conto, Gorriti descreve a cena de Isabel caminhando pelo campo de batalha, onde procura o corpo de seu amado, na esperança que o mesmo ainda esteja vivo.

Aqui vai haver uma nova referência intertextual à *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, pois Isabel vem de longe caminhando sobre os corpos moribundos dos soldados entoando a última canção de Julieta, em nome de sua dor e de do véu da morte que cobriu a todos aqueles cadáveres insepultos que estão no campo de batalha. Isabel passa por vários corpos de conhecidos e amigos seus unitários que morreram pela causa que acreditaram, mas isso lhe causa uma dor imensa.

Percebemos, assim, a mulher que, mesmo possuindo um forte ideário político estabelecido, chora seus mortos na forma de arrependimento e refletindo se realmente aquelas batalhas fariam sentido. Aparece uma dupla perda de Isabel, já neste momento, pois ela sofrera a perda dos unitários que foram massacrados pelos federalistas e também a perda de muitos soldados que ela conhecia, que eram jovens e que possuíam família, deixando-a no meio de um paradoxo, a perda era política, mas também no coração, já que não só seu ideário nacional unitário fora ferido, mas também seu povo, sua família. Foi quando em meio aquele rio de sangue, Isabel avistou o cadáver de Wenceslao, pois apesar dos unitários perderem, muitos federalistas também foram derrotados, e apesar do exército federal ter saído vencedor, tiveram uma parte de seus soldados dizimados pelas forças unitaristas antes que elas sucumbissem.

Ao final, Isabel ajoelha-se aos pés do cadáver daquele que um dia fora seu amado e descobre seu peito, nele a jovem avista uma ferida:

– ¡Oh! – gritó señalando una herida profunda, de forma circular y bordes negros. – ¡He ahí la mano de Manuela Rosas, que le ha destrozado el pecho para robarme su corazón! Hela allí que se acerca para disputármelo todavía, para arrojar otra vez entre él y yo, como un desafío á nuestro amor, ese guante negro que nos separó. ¡Atrás! – gritó alzándose, y extendiendo sus brazos sobre el cadáver, – ¡atrás! ¡mujer fatal para los que te aman! ¡tu blanco velo de virgen está salpicado de sangre! ¡sobre tu cabeza está suspendida una nube de lágrimas! ¡Aléjate! – continuó adelantándose, como para cerrar el paso al fantasma que le presentaba su imaginación, – ¡no le toques! (...) (GORRITI, 1907, p.123-124)

Nesta passagem, percebemos novamente a presença da imagem da luva negra de Manuela Rosas, que é retomado não como um presente, pois desde seu contato com Wenceslao a luva de Manuelita vai servir de símbolo mortuário, como um anúncio das tragédias que se sucederão. A metáfora da luva que dá nome ao conto simboliza o luto e a mão federalista, que vai condenar ao trágico a vida de todos aqueles por onde passar.

Gorriti traz a imagem da luva negra de Manuelita para criticar os federalistas e a ditadura de Rosas na Argentina. A autora vai mostrar a luva como a mão do próprio ditador e dos princípios federalistas, simbolizados na personagem histórica Manuela Rosas. É através desta personagem feminina que vamos conhecer os valores e ideais federais, assim como a relação com a morte e a tragicidade que o objeto com o qual

presenteia Wenceslao vai permear todo o conto, levando a desgraça e o medo para aqueles pelos quais a luva passar.

No início do conto, a luva negra aparece como símbolo da discórdia entre os amantes, pois é através da descoberta da mesma no peito ferido de Wenceslao que Isabel irá enlouquecer de ciúmes e rancor, pedindo para o que o rapaz traia sua ideologia em prol da reconquista de seu perdão. Quando Margarita, a mãe de Wencelsao, aparece no escritório do marido, para descobrir o que a carta entregue por um espião contém em seu interior, ela é aterrorizada pela imagem da luva negra que desliza do interior da carta cai aos seus pés lhe dando um sentimento de terror, pelo objeto ter uma aparência funesta e já denotando os próximos acontecimentos do conto, em que teríamos a morte de Ramírez, pai de Wenceslao, cometido por sua esposa. Por último, a ferida mortuária do jovem federalista aparece, aos olhos de Isabel, como o formato da luva negra, o que retoma e reafirma a ligação da imagem deste objeto a tudo que acontece de ruim e trágico no conto.

Podemos inferir também que Isabel teve uma dupla perda, os seus amigos e conhecidos que morrerão lutando pelo ideário unitarista, assim como sentir o peso da derrota das suas ideias e convicções e sua derrotada no amor, pois foi traída e no pedido que fez para que seu amado recobrasse o seu perdão, acabou levando-o à morte. Não houve saída para a jovem unitarista, todos os caminhos que escolheu acabou por levá-la para alguma desgraça.

Gorriti evidencia em “El guante negro”, assim como em outros contos, a personagem feminina que utiliza a loucura como meio de escapar da realidade. Vê-se que Isabel enxerga o fantasma de Manuela Rosas em meio aos cadáveres no campo de batalha e imagina que o espectro da rival vem buscar o seu amor, o jovem Wenceslao. Ela tenta protegê-lo a todo custo culpando a outra mulher por seu fracasso no amor. Mesmo que Isabel pareça uma mulher de fibra, tendo seus sentimentos controlados durante todo o conto, vemos que no final ela vai culpar Manuelita pelos acontecimentos funestos que tiraram a vida do seu amor, ela não aceita que as atitudes do mesmo e as suas próprias atitudes tenham levado ambos a ter aquele destino de separação e sofrimento.

Assim, como percebemos no início da narrativa em que Isabel aparece como ser etéreo, uma fada vestida de branco a caminhar na direção da casa de Wenceslao cantando com sua voz doce. Ao final do conto, a jovem irá virar um ser fantástico que

todos diziam ver vagar pela cidade de Buenos Aires, entoando a canção mórbida do “De profundis”, toda vez que o ditador Rosas executava alguma sangrenta execução.

A personagem feminina, Isabel, então vai se tornar a voz da cidade e as lágrimas do povo. Gorriti vai simbolizar a moça, que um dia fora unitarista e apaixonada por um jovem com o ideal político contrário do seu, como a cidade e seu povo, que sofria ao ver as tristes situações a que os levava as atitudes cruéis e sanguinárias do ditador Juan Manuel de Rosas.

Neste sentido, partindo de um microcosmos particular, percebemos que “El Guante negro” vai metaforizar a relação de triângulo amoroso de Isabel, Wenceslao e Mauelita, simbolizando o conflito entre unitaristas e federalistas, trazendo as personagens femininas com papel de destaque, matando, transgredindo, lutando e sofrendo, por amor e pela coragem de assumir os próprios sentimentos, em que a morte e a loucura será uma consequência inevitável para as mulheres da época, vítimas do sofrimento, da morte e do desengano de suas ilusões e aspirações.

No conto “La novia de muerto”, a luta entre unitários e federais novamente vem atuar como pano de fundo da história, sendo através desta diferença que nascerá um amor proibido, referenciado novamente como o de Romeu e Julieta. Vital, uma jovem filha de federalistas, irá se apaixonar pelo soldado Horacio Ravelo, um jovem de vinte anos, considerado um dos mais valentes combatentes do exército unitarista.

Nesta narrativa, veremos uma história um pouco diferente do conto “El guante negro”, enquanto este vai trazer um soldado federal dividido entre o amor de duas mulheres, uma sendo filha do ditador Rosas, do lado federal, e a outra sendo unitarista. Em “La novia del muerto”, a jovem herdeira federalista é que vai se apaixonar pelo belo soldado unitário, sendo este sentimento já permeado por funestos presságios, que trazem as relações de rivalidade entre esses dois ideais políticos distintos.

Vital aparece como uma mulher delicada, mas que ao mesmo tempo reúne forças para manter o amor que sente pelo combate das forças inimigas de seu pai. Por amor, a jovem corajosa, tem – assim como as protagonistas do conto anterior e de forma oposta ao padrão social da época – encontros noturnos com seu amado Horacio Ravelo, na tentativa que seu pai não descubra seus verdadeiros sentimentos e acabe com a vida de seu amor.

Porém a tia de Vital desconfia que algo de estranho esteja acontecendo com a sua sobrinha. A tia da jovem é uma senhora presa pelos costumes e as tradições, mas que ao mesmo tempo tem seu um sentimento incondicional por Vital, um amor quase materno.

Como percebermos mais uma vez, a recorrência do instinto de maternidade como mola propulsora para desencadear as ações das mulheres nos contos.

Vital então admite para a tia que está apaixonada por um soldado unitarista e lhe confessa que seriam como Romeu e Julieta, citando uma passagem em os dois apaixonados se encontram a noite, ele vestido de negro e ela coberta por um véu branco, caminhando pelos bosques de mãos dadas até vir o amanhecer para separá-los. Ao contar um trecho do drama de Shakespeare, Vital está confessando em silêncio seus encontros com Horacio.

É neste momento que sua tia lhe narra dois fatos muito importantes, o primeiro de que um dos pastores que vive perto de sua casa contou que havia avistado em uma noite a cena anterior igual à que Vital pronunciara e que era um trecho da trama de Shakespeare, o segundo fato era de que o pai de Vita, Avendaño, como competente soldado federal que era, fazia ronda todas as noites em seus campos. Os dois fatos estremeceram o corpo da jovem, pois todas as noites ela reproduzia a cena de Romeu e Julieta com seu amado e agora que sabia que o pai poderia descobrir suas saídas noturnas encontrou-se desesperada.

Em “La novia del muerto”, percebemos a presença de mulheres de ação, já que por mais que Vital fosse uma mulher delicada, era dona de seus sentimento e emoções, transgredindo as leis de seu pai e encontrando-se à noite com um soldado unitarista. Aqui temos a dupla traição da época, pois Vital estaria desonrando sua família, já que estes encontros noturnos pode nos remeter as relações íntimas que a jovem mantinha com o seu apaixonado e também a traição política, pois Horacio era um soldado do exército inimigo de Avendaño, o que era um ultraje a sua filha ter relações com um inimigo.

A outra mulher de ação de aparece no conto é a tia de Vital, pois apesar de parecer uma mulher tradicional que segue os preceitos patriarcais da sociedade, ela vai acabar revelando, para a sua jovem sobrinha, detalhes e acontecimentos que serão de suma importância para o desenrolar da narrativa e para as atitudes de Vital.

Da mesma forma em que inocentemente a tia de Vital revela-lhe a história que ouvira do pastor e sobre as vigilâncias noturnas de Avendaño, também acaba dizendo-lhe que ouviu um rumor de que as tropas federalistas estavam preparando um ataque surpresa aos unitários. Todas essas revelações mostram que a tia de Vital não era mulher alienada e, apesar de ser uma senhora demais idade, sabia e entendia bem da situação de então, sobretudo dos conflitos atuais que se vivenciava em sua cidade.

Vital fica indecisa ao saber do ataque, pois se contar ao seu amado estará traíndo seu pai mais uma vez e, se não contar, teme pela vida do amante, pois poderá perdê-lo; desta forma arquiteta um plano para conseguir ajudar sua paixão. Percebe-se que Vital decide-se por Horacio e portanto a jovem irá sacrificar a relação que possui com o pai e sua ligação com a família em nome do amor que sente pelo seu amado soldado. Diferentemente de “El guante negro”, em que a mulher põe seu ideário político acima de seus sentimentos, em “La novia de muerto”, o sentimento de amor e paixão é maior e mais forte do que qualquer situação política e isso faz com que a jovem filha de um federalista passe por cima de todas as regras de seu pai.

A relação entre o feminino e o cristianismo fica bem evidente neste conto, já que em todas suas ações a jovem vai pedir auxílio e proteção ao rezar fervorosamente. E também é através de uma missa no domingo a qual Vital frequenta com a tia que ela vai conseguir se aproximar novamente de Horacio. A tia da moça finge não ver o seu encontro, deixando evidente o apoio mútuo feminino na narrativa, assim, em uma bênção do sacerdote Vital e Horacio se consideram casados, jurando amor um ao outro atrás das colunas da igreja, pois foi onde conseguiram se encontrar sem deixar pistas, mas antes que Vital pudesse contar sobre o ataque federalista a seu amado, os soldados federalistas cercam a igreja, Vital a pedido de seu amado corre para salvar-se da batalha e os dois se despedem com um imenso pesar.

A batalha foi muito violenta e os unitaristas são derrotados. Antes de morrer, Horacio chama a um sacerdote, confia-lhe algumas palavras e entrega-lhe um objeto em mãos. Após isso, o campo de batalha enche-se de diversos cadáveres, que devido à ordem do comandante federalista devem ficar insepultos para servirem de exemplo, demonstrando a supremacia do sentimento bélico ao aspecto religioso entre os homens.

Enquanto isso, na casa de Avendaño, há muitas comemorações devido à vitória federalista e, no mesmo instante, Vital entrega-se ao desespero de não saber o que se sucedera com seu amado:

De allí á poco sintió arrancar el barroto limado de la reja, y un hombre se introdujo en el cuarto.

—¡Horacio! — quiso ella gritar, alzándose con esfuerzo del sitio en que yacía para arrojarse al encuentro de su esposo; pero unos labios ardientes sellaron sus labios, dos fuertes brazos ciñeron su cuerpo en un impetuoso abrazo, y el silencio volvió á mezclarse á la obscuridad en la misteriosa alcoba...

La fresca brisa del alba, agitando los destrenzados cabellos sobre la frente de Vital, la despertó.

Hallábase sola: ningún indicio en torno suyo revelaba la presencia de Ravelo. De aquella ardiente noche no le quedaba sino un recuerdo helado y terrífico. ¿Había velado? ¿había soñado? ¡Extraño misterio!

Al llevar la mano á la frente, Vital dio un grito, y una inmensa alegría inundó su alma. Había encontrado en su dedo un anillo que ella dio a Ravelo en los primeros días de su amor. No había delirado, no había soñado: aquél, en cuyos brazos había dormido largas horas de dicha, no era un fantasma de la muerte: era su esposo. (GORRITI, 1907, p. 248)

Neste trecho, a presença do amor e também a aura fantástica que se instala no conto, pois nas cenas anteriores que se sucederam ficou evidente a morte de Horacio. Dessa forma, fica a dúvida sobre o que se sucedeu com Vital. Será que a jovem estava sonhando com o seu amor? Mas e o anel em seu dedo? Não estava com Horacio a jóia na hora de sua morte e este não a dera ao sacerdote antes de exalar seu último suspiro? Será que Vital havia chegado à loucura assim como as outras personagens que já foram analisadas?

A tia de Vital retira-lhe de suas ilusões ao chamá-la para realizar uma boa ação. O seu pai e os outros federalistas a tinham condecorado para realizar a tarefa de ajudar as mulheres (mães e esposas) dos unitaristas mortos, que ainda se encontravam insepultos para que finalmente ganhassem um túmulo digno, mas só as mulheres poderiam fazê-lo, então Vital foi até a cidade junto a sua tia para realizar este intento. Percebe-se aqui que os federalistas relegam às mulheres da cidade o ato de enterrar seus mortos, desta maneira, este é outro motivo que dá muita importância as personagens femininas dos contos, pois a responsabilidade para com os corpos de seus valentes guerreiros estão em suas mãos e junto a eles a honra do povo unitarista.

Novamente, assim como vemos em “El guante negro”, vemos aqui em “La novia del muerto”, uma jovem que vaga em meio aos mortos, mas não está procurando seu amado desta vez, Vital tem a certeza pelo anel em seu dedo de que Horacio está vivo. Porém, um fato a faz desfalecer, perdendo totalmente os sentidos, no meio dos corpos inertes que ali jaziam, encontrava-se o cadáver de Horácio, algo que Vital jamais imaginava ter visto depois da noite apaixonante que vivera.

Gorriti, então, instaura a dúvida de forma mais acentuada em sua narrativa, pois o fantástico confunde-se entre a morte, a verdade e a mentira. Vital poderia ter dito um delírio, devido às sérias preocupações por temer a vida de seu amado e por um milagre pedido a Virgem Maria, referenciando o cristianismo, pois a jovem orava muito a Nossa

Senhora, e esta poderia ter-lhe abençoado com o milagre de ter o anel de seu amado como relicário após sua morte. A jovem filha de Avendaño também poderia ter enlouquecido e sonhado com o espírito de Horacio ou até mesmo realmente em seu delírio ter visto e se relacionado com o espírito do mesmo em um acesso febril de loucura, mas esta possibilidade não justificaria o aparecimento do anel no dedo de Vital. Ou até mesmo poderíamos inferir que Vital fora enganada e que o sacerdote havia cometido um sacrilégio e tido relações sexuais com a mesma aproveitando-se da situação de vulnerabilidade da mesma e de que ela acreditava que realmente quem estava consigo era Horacio.

Sem solução explícita, todas as situações são possíveis e vemos que em todas a mulher vai aparecer como vítima do destino trágico que se instaurou, devido aos conflitos sociopolíticos que os rivais federais e unitários causaram a população. Vital aparece como uma personagem feminina que sofre pelo medo da perda e pelo sentimento de um amor proibido. Esta preocupação e o nervosismo a essa situação leva pode tê-la deixado à beira da loucura, mas também pode ser que realmente tenha acontecido do amor dos jovens ser tão forte, que acabou por transcender à morte e Horacio acabou vindo em espírito se despedir de sua amada, já que não conseguiu fazer isso em vida. A outra possibilidade que é a do sacerdote tê-la enganado fazendo-se passar por Horacio vai contra todos os princípios cristãos que aparecem no texto, como a fé de Vital em Nossa Senhora e sua crença nas bênçãos do cristianismo e no seu casamento, que fora feito secretamente durante uma benção do padre na igreja.

Essas ideias apenas são pensamentos, pois a ideia da autora ao deixar esta dúvida em aberto permite inúmeras inferências e transmite através da dúvida a presença de possibilidades que mostram a mulher relacionando-se ao ambiente do fantástico, do sonho, da loucura e da transgressão.

Ao final do conto, vemos que Vital acabou por enlouquecer após ter tido a presença do seu amado Horacio Ravelo e no outro dia descobrir que o mesmo havia morrido. A jovem nunca mais se manteve fixa, sua vida foi sempre em movimento para não criar raízes, o sono jamais cerrou seus olhos novamente e nunca mais pronunciou uma só palavra que não fosse o nome de seu amado Horacio, quando ao cair da tarde conseguia vislumbrar sua própria sombra e, depois de trinta anos de demência, sua aparência continuava igual.

A partir do final desta narrativa, podemos inferir que a loucura mais uma vez aparece como castigo para a mulher que ousa infringir as leis que lhe foram impostas e,

ao mesmo tempo, como uma fuga da realidade, a que as personagens femininas de Gorriti entregam-se para aliviar as dores e as tristezas da perda e de terem seus sentimentos e esperanças totalmente frustradas, devido a conflitos políticos. O meio social e os conflitos que dele provém é que vão instaurar a infelicidade para a maioria das mulheres nas narrativas da autora.

Por mais que haja mulheres que possuem um postura política bem marcada e bem estruturada, ao final sempre vão ser dominadas pelo amor e pela força do sentimento de perda e insatisfação a qual a morte e o poder do trágico irão levá-las. Na maioria dos contos de Gorriti, não há família possível, há sempre uma ruptura, assim como também não há relacionamento amoroso possível, a felicidade e o amor são quase sempre substituídos pela morte e pela loucura como um meio da autora criticar o meio social em que vive que não permite o livre arbítrio para as pessoas, principalmente para as mulheres.

Da mesma forma, que os outros contos já analisados, o conto “La hija del masorquero” vai tratar da questão política e social porque a Mazorca trata-se de uma polícia armada repressiva que executou diversos civis, sobretudo unitários a mando dos generais federalistas e do ditador Rosas. Pela posição política e os ideias da autora, ela vai trazer em seus contos os componentes da Mazorca como tiranos, assassinos e verdadeiros criminosos. Assim, “La hija del masorquero” vai tratar da história de vida e, principalmente, da relação Roque Alma Negra, um homem tido como terrível e cruel, pelos diversos assassinatos que cometera, sendo chefe da Mazorca, e sua filha de dezesseis anos chamada Clemencia.

A filha de Roque já possui o nome como um símbolo de seu caráter, enquanto temos a imagem de um pai que se mostra como um homem cruel já pelo seu sobrenome (ou apelido, já que não se explicita esse aspecto) e que passa por cima de tudo e todos para conseguir o que quer. Clemencia é narrada no conto como um anjo de bondade e candura, moça de apenas dezesseis anos, loira de olhos azuis, diferentemente da maioria dos contos de Gorriti, nos quais as mulheres aparecem caracterizadas com longos cabelos negros e expressivos olhos da mesma cor, simbolizando as descendentes indígenas das Américas. Aqui, ao contrário, Clemencia vai ser comparada a um ser angelical, ou até mesmo a virgem Maria, devido ao seu caráter bondoso e seu cuidado com o próximo.

Vemos aqui então a mulher anjo, aquela imagem feminina que beira a santidade, mas que, mesmo assim, vai transgredir as leis que lhe são impostas, pois apesar de amar

seu pai e ter pena do mesmo por em agir como ele age, transformando tudo por onde passa em maldade e morte, Clemencia irá ser totalmente contra as ações de seu pai e vai tentar mudá-las ou remediá-las na busca por sanar o sofrimento daqueles a quem seu pai fez maldade e restabelecer a fé e a esperança nos corações daqueles que já tiveram suas almas destroçadas pela perda de entes queridos de uma forma tão violenta como estes conflitos armados.

Neste conto, há um paradoxo, pois mesmo em sua maldade Roque Alma Negra ama sua filha, pela qual possui um amor, feroz como um animal tem pelos seus filhotes, a bondade de sua filha alivia-lhe o coração, quando voltava para casa depois dos dias repletos de maldade e assassinatos, por sua vez a filha alegrava-se ao ver seu pai, mas condenava seus atos não com raiva e rancor, mas sim pensando em consertar o que fora feito pelo seu progenitor. Neste conto, a relação de maternidade não existe, pois Clemencia fica órfã ao nascer. Aqui vai se apresentar, como em “La quena” e “Si haces mal no esperes bien”, a relação de maternidade muito forte em outros personagens, já que mesmo entre os protagonistas essa relação paternal vai ser corrompida, já que filha e pai não seguem as mesmas ideias, não tem as mesmas crenças e preceitos.

Em uma noite, Clemencia vê um bando de mazorqueros entrar em sua casa para falar com seu pai, com seus punhais a vista, estes vieram avisar a Roque que deveriam acabar com a vida de Manuel de Pueyrredón (1777-1850), personagem histórico unitarista que cometera o crime de apaixonar-se, dentro do texto ficcional, por Emília, a filha de um federal, e secretamente tiveram um filho. Desta forma, os mazorqueros deveriam por fim a este unitário que infringiu todas as leis de honra e respeito, pois sua morte seria como um exemplo para outros que iriam pensar muito antes de se envolverem com alguma jovem filha dos federalistas.

Neste momento, Clemencia – ao perceber que poderia evita um assassinato – não ficou só orando com fé, outra referência ao Cristianismo, para imagem da virgem Maria. Na tentativa de salvar Pueyrredón, foi até o local no qual os mazorqueros disseram que ele iria estar para avisar o unitário de que haviam planejado sua morte. Manuel de Pueyrredón então a confundiu com sua amada Emília, pois a jovem Clemencia estava envolvida em longo véu branco para dirfarçar suas feições e foi ao encontro do unitarista como sua amada sempre o fazia. Ao revelar que não era Emília, Clemencia disse para que Pueyrredón fugisse com sua amada para bem longe, apontando para um grupo: eram os mazorqueiros.

Temos a presença aqui de uma jovem que transgride as leis paternas, pois a bondade de Clemencia e a sua vontade de ajudar o próximo, seu amor incondicional por todos a faz pensar menos em si e se arricar em artimanhas para frustrar os objetivos de seu pai e os outros mazorqueiros. Clemencia então se apaixona por Pueyrredón, ficando indecisa entre a paixão física e dedicar a sua vida e suas ações para Deus e a Virgem Maria, no intuito de fazer o bem ao próximo. É através desta promessa que a mesma vai ajudar uma mulher estava passando por várias dificuldades a que seu pai deixou viúva, por ser esposa de um unitário, com três filhos.

Clemencia permanece insatisfeita, entre só amenizar as maldades feitas por seu pai e tornar-se uma mulher de mais ação, buscando resolver o problema desde o seu cerne, acabando com a mazorca. Nesse caminho, ela tenta convencer o pai de que sua vida deve mudar, mas Roque é impassível:

–¡Calla...! ¡calla Clemencia...! – gritó el bandido , – ¿qué haría? El infierno mismo no tiene una rabia semejante á la ue entonces movería el brazo de Roque para vengarte...¡Pero tú estás loca, niña! ¿No sabes que los salvajes unitarios no tienen corazón como nosotros, que amamos y aborrecemos ocn igual violencia...?

–¡Padre, tú sabes que eso no es cierto! ¿qué dicen pues los gritos desgarradores de esas madres, los gemidos de esas esposas y el triste llanto de esos huérfanos que á todas horas oig elevarse al cielo contra nosotros? ¿No te dicen que las fibras rotas por tu punãl en fondo de sus almas son tan sensibles como las nuestras?

–¡Calla – repitió, – calla, –Clemencia! Tienes una voz tan insinuante y persuasiva que me harías creer; y entonces ¿qué pensaría el general Rosas de su servidor? ¡Cómo se burlaría Salomón y Cuitiño de su compañero! No... ¡Vete! No quiero escucharte (GORRITI, 1907, p. 264-265)

Roque Alma Negra não quer mudar sua vida de assassinatos e maldades, mas vemos também no trecho a relação de poder que sua filha Clemencia tem sobre ele, pois apesar de Roque não querer uma mudança em sua vida e não seguir as ideias da filha ele tenta silenciá-la, pois sabe que ela tem um poder muito grande de persuasão que pode convencê-lo de sua ideias. A jovem de aparência de anjo tem o poder das palavras e sua doçura e ao mesmo tempo determinação, quase fazendo persuadir de suas intenções. Devido a conhecer o poder e a força da filha, o mazorqueiro limita-se a não ouvir o que a mesma diz, com medo de que acabe sucumbindo as suas vontades. Aqui então, vemos

uma mulher forte, que está certa de suas convicções e sua causa, que é fazer o bem ao próximo e desestruturar todos que queiram fazer o mal.

Para a infelicidade de Clemencia, os mazorqueiros conseguem capturar Emília e, ao entrar nessa prisão, descobre Pueyrredón disfarçado de guarda, procurando salvar sua amada. De forma enérgica, Clemencia pede que lhe confie a si a salvação de Emilia e com altivez vai ao encontro dos mazorqueiros e exige entrada no calabouço onde a jovem Emília está presa. O plano da jovem bondosa é se colocar no lugar de Emília e fazer com ela saia dali usando suas roupas e fuja para longe com seu amado Pueyrredón. A narrativa, ao se encaminhar para o final, vai mostrando aspectos trágicos e revelando a imagem do sacrifício de Clemencia, uma mulher que vai passar por cima de sua paixão, seus desejos mais íntimos pelo bem maior, que é ajudar o próximo. Neste caso, ela salva o homem a quem ama e a esposa do mesmo, na tentativa de acabar de uma vez por todas com as maldades da Mazorca. Assim, quando Pueyrredón e sua amada Emília já estavam livres daquele sombrio calabouço, Roque Alma Negra segura o pescoço da própria filha – acreditando ser de Emilia – e lhe diz:

–Delatora de nuestros secretos, cómplice de los infames unitarios, muere en lugar del conspirador que amas, pero sabe antes que ni tus huesos se juntarán con los suyos porque tu sepulcro será el fondo de este calabozo.
Y hablando así, arrojó una espantosa carcajada. (GORRITI, 1907, p. 277-278)

Ao puxar o punhal e rasgar o pescoço da moça, Alma Negra ouviu a voz de sua filha, ficou apavorado e, de coração partido, agarrou sua vítima e levou-a para a luz, onde viu que havia cometido o mais perverso de seus crimes, pois havia matado seu anjo de bondade, sua única filha e a única pessoa que amara. Com a morte de Clemencia, Roque passou os dias até o final de sua vida tentando redimir os seus pecados, o sangue e o sacrifício de sua filha lhe haviam regenerado e tocado o seu coração de tal maneira que o mesmo não teve outro caminho a não ser arrepender-se de toda sua vida de crimes.

Percebemos então, ao final do conto, que mesmo sendo através do sacrifício da perda de sua própria vida, Clemencia conseguiu mudar os destinos de Pueyrredón e Emilia que agora estavam em liberdade e poderiam viver o seu amor em paz e tranquilidade. E, principalmente, conseguiu mudar o destino ímpio de seu pai, pois Alma Negra resignou-se no caminho do bem e da redenção de seus pecados, devido à

morte de sua filha cometida por ele próprio sem saber, fazendo-o mudar sua visão e convicção.

O conto “El lucero de manantial”, como nas demais narrativas, tem como temática e pano de fundo a ditadura de Rosas e os conflitos e batalhas implicadas neste períodos em Buenos Aires se encontrava, revelando uma forte rivalidade entre federalistas e unitários.

Esta narrativa de Gorriti, sem dúvida, é mais crítica em relação à ditadura de Rosas e as consequências que a mesma causou para o povo e, principalmente, para os soldados que eram contra as ideologias federais e contra Rosas. Nesse conto, nada fica implícito ou é tratado de forma sutil, a autora vai fazer uma crítica direta a Rosas.

A história é centrada em María, uma jovem que vive em Buenos Aires, descrita como uma fada, uma mulher de beleza incomparável, tanto que lhe dão o apelido de “Lucero del manantial” e isso faz com que todos a respeitem já que também é filha de um general companheiro de Artigas.

Como é comum nos contos de Gorriti, a mulher geralmente é caracterizada por ter cabelos longos e negros e envolver-se em um véu branco e, assim, María era, despertando olhares por onde passava. Assim como Isabel em “El guante negro”, María mostrava-se como uma mulher forte e que possuía alguns dons fantásticos, como a premonição através da visão ou dos sonhos.

A jovem teve um sonho no qual é narrada uma imagem trágica, marcada pela morte, pela dor e pelo sangue. María sonhou que avistava um campo de batalha repleto de tumbas semiabertas com milhares de cadáveres degolados e que, em sua volta, formava-se um rio de sangue originado daqueles milhares de homens com os pescoços cortados. Passeava entre os mortos um homem muito belo de olhos azuis, mas que tinha um punhal em sua mão, o mesmo deu-lhe um beijo ardente e, logo depois, rasgou-lhe o peito e com aquele punhal arrancou seu coração.

Aquele sonho horrível foi um presságio funesto para que María não se esquecesse do mesmo, porém ela não lhe deu importância, ficou horrorizada e teve temor, mas em seguida afastou-o do pensamento, repetindo para si que fora apenas um sonho. Essa lado racional demonstra um aspecto da mulher que não valoriza o dom premonitório que lhe foi legado. Porém, neste mesmo dia, ao cavalgar, seu potro dispara e María é salva por um jovem muito belo, o mesmo rapaz que havia destroçado seu coração no sonho.

María, mesmo sabendo de todos estes maus presságios em relação ao homem que acabara de conhecer, apaixona-se por ele e começa a ter encontros secretos pelas noites.

O rapaz chamava-se Manuel e, por seu amor, María – assim como as outras mulheres já vistas nessa dissertação – transgrediu as regras de sua casa e da sociedade de todas as maneiras possíveis:

Y María deliraba de amor, hasta que la luz del alba le arrebatava á su amante que, deslizándose furtivamente entre el obscuro ramaje, se desvanecía con las sombras.

Pero una vez, María lo esperó en vano, Y desde entonces, cada noche, sola y con el corazón palpitante de dolorosa ansiedad, vió pasar sobre su cabeza y perderse en el horizonte todos los astros del cielo, sin que aquél que alumbraba su alma volviera á aparecer jamás.

Por ese tiempo, la antorcha de la guerra civil abrasó aquellas comarcas, y el fragor del cañon homicida ahogó las risas y los gemidos. (GORRITI, 1907, p.298-299)

Este trecho revela um cunho sensual e sexual muito forte para época, percebemos que a relação entre Manuel e María já se tornou muito mais que íntima, a jovem está completamente apaixonada e atraída pelo desconhecido, sobre o qual ela só sabia o nome. Aqui além de destacar a sensualidade feminina, mostrando uma mulher que não tem medo de seus desejos e sentimentos, temos também uma personagem feminina – igualmente como ocorre em diversos outros contos analisados – que se subjeta às vontades do homem, sacrificando a sua honra e a honra de sua família, por uma incontável paixão. Como nunca mais vê o seu amor, María acaba por ficar desesperada já que ela havia engravidado, resolve então se casar logo em seguida com um homem chamado Alberto e que assume o seu filho Henrique.

No entanto, o passado de María vem ao seu encontro, para novamente destroçar seu coração feminino, marcado pelo abandono e pela paixão. María mantinha diversos segredos, inclusive que seu filho Enrique era filho de Rosas, a quem seu marido tinha uma notável estima, mas iria contra o desejo do mesmo de transformar-se em ditador. O rapaz chamado Manuel que há anos atrás havia enganado a María agora era um homem que aspirava implantar um regime ditatorial em Buenos Aires e, para isso, passaria por cima de qualquer pessoa que ficasse em seu caminho. O simbolismo do sonho de María vem à tona através do caráter violento e sanguinário com o qual Rosas é caracterizado nos contos de Gorriti.

María pediu a seu marido para não que não fosse contra Rosas e, como Alberto não segue seus conselhos, acaba morto pelo ditador. Enrique que viu a morte de Alberto e quem o havia assassinado, jurando então vingança. Após o filho de María tentar matar

Rosas e não teve sucesso, é levado ao fuzilamento em praça pública. María tentou interceptar aquele acontecimento ao contar para o ditador que o menino era seu filho, mas antes que pudesse pronunciar qualquer palavra o mataram.

Diferentemente de Isabel em “El guante negro”, que teve seu desejo atendido por Wenceslao, María tem seus pedidos e desejos negados tanto através da desilusão, quando através da morte. Assim como as personagens Margarita, mãe de Wenceslao de “El guante Negro”, e Clemencia, em “La hija del masoquero”, María é silenciada, pois seus pedidos não são atendidos e a maternidade é também bastante acentuada, pois ela se humilha e humilha a memória de seu marido ao pedir clemência para o assassino do mesmo, faz tudo para manter seu filho vivo.

Aqui há também, assim como em “El guante Negro”, a dupla derrota feminina, pois aquilo em que seu marido Alberto e ela acreditavam ser um ideal político correto foi substituído pela instauração da ditadura de Rosas e, ao mesmo tempo, María perdeu todos que mais amava pela ditadura. Percebemos também neste conto a presença da desestruturação familiar, pois María fica sozinha, pois seu marido é morto pelo seu ex-amante, sendo este pai biológico de seu filho, que acaba por mandar fuzilar o próprio filho. A tragicidade, a dor e a morte caminham juntas neste conto que é o maior exemplo de crítica à ditadura Rosa em Buenos Aires.

Por último, temos a transformação de María em um ser que vaga perdido e sem rumo, entoando sua dor da perda por onde passa. Como em outros contos analisados, aqui a personagem feminina María termina vagando pela cidade, como se fosse castigada pela sua atitude e transgressão do passado. Volta a ideia do sonho premonitório que ela teve no passado: Rosas iria arrancar-lhe o coração e foi isso o que metaforicamente ocorreu, pois sem o filho María sentia-se uma mulher sem coração, exasperada pela dor da perda e pela culpa.

Vimos então nos quatro contos analisados que há personagens femininas muito fortes e corajosas sem medo de errar, mas que muitas vezes são silenciadas e castigadas por suas atitudes de transgressão e infração das leis estabelecidas por seus pais e pela sociedade. Os conflitos políticos, a desestruturação do seio familiar e o sentimento de maternidade são temáticas presentes nos contos de Gorriti, isso faz com que as mulheres apreçam em destaque tanto por suas ações como pelas consequências de seus atos.

Por fim, analisaremos os contos “Cuby amaya”, “Una apuesta”, “El lecho nupcial” e “Tres noches de uma história”, todos do Tomo I do Livro *Sueños y*

realidades. As memórias contruídas ao longo do tempo, as transgressões, as paixões, as conquistas e o trágico irmão permeia estes contos, como nos outros já analisados.

Neste sentido, a visão de cada personagem feminina nos contos vai ser analisada como meio que a autora tem de perceber a realidade e a sociedade como um todo, sendo o seu ponto de vista variado e multifacetado, porque ela vai criar desde personagens delicadas e que sofrem mais do que agem até aquelas personagens femininas que terão atitude de sobra para lutar por seus sentimentos e convicções.

Em “Cuby Amaya”, será a história de um salteador, de um criminoso e suas escolhas de mudança de vida. Em uma de suas viagens a Salta, para não ser reconhecida e não sofrer nenhum tipo de ataque, Gorriti foi vestida de homem até sua cidade natal, para rever tudo aquilo que havia deixado para trás, quando foi forçada a exilar-se com sua família na Bolívia. A autora então aparentemente retrata essa situação em seu conto. Gorriti cria Emma, que se disfarça de Emmanuel para conseguir chegar ileso em Salta. A viagem da personagem feminina tem a ver com as relações de gênero, pois é através de seu disfarce de homem que ela não irá ser reconhecida e nem abusada pelo caminho.

Uma mulher viajando sozinha poderia ser desrespeitada, já um homem não. Essa comparação que Gorriti traz no século XIX e é bem atual e merece reflexão, sobre o que as mulheres podem ou não e o perigo da violência que ainda existe se forem realizar algum ato dito como masculino. Aqui a autora vai desconstruir os ideários de sexo e suas representações.

Em “Cubi Amaya”, o salteador que dá nome ao conto é representado com um homem arrependido pelos seus pecados do passado e totalmente redimido e, em sua viagem, Emma o encontrará, ou acha que o encontra, porque a questão da memória se mistura com o fantástico. No conto, Emma, assim como Gorriti, é uma mulher que foi exilada devido às guerras civis que aconteceram e, em sua viagem de volta, percebe tudo o que perdeu, tanto em bens materiais, como em entes queridos. Emma vê-se nas ruínas de sua antiga casa e, é através de suas memórias e na presença real ou mágica de Miguel, um antigo salteador, que ela vai relembrar-se do mundo em que vivia.

Miguel então narra a sua história pensando que está falando com um homem, mas ao dizer que quem mudou sua vida foi o pai da família que um dia vivera ali, naquela casa em ruínas, fez a moça chorar de saudade. Após o disfarce ser descoberto, Miguel reconhece que seu interlocutor é a filha de seu salvador, o pai de Emma com sua confiança e dedicação lhe havia dado a chance de trabalhar e mudar de vida, o que fez com que Cubi Amaya se transformasse em Miguel, um gentil senhor que cuidava de

tudo e de todos naquela antiga casa. Permeando todo o conto temos a questão da memória e da saudade, pois a personagem Emma aparece como uma mulher forte, mais ao mesmo tempo saudosista e fortemente abalada pelas lembranças, tirando-os de forma tão brusca do convívio de sua casa.

Ao final da narrativa de Miguel, a jovem Emma encontra-se sozinha no amanhecer naquelas ruínas da casa de onde nascera. Aqui o real e o fantástico vão misturar-se e a imagem da mulher forte que viajou a sua terra natal para fazer o resgate de sua memória vai misturar-se ao fantástico, pois ao mesmo tempo que Miguel parecia real, sua imagem irá desfazer-se como fumaça.

Em “Uma aposta”, a configuração já é diferente, pois temos uma mulher protagonista, que também irá se disfarçar de homem, mas para ganhar um aposta e ter seus desejos aceitos. O conto gira em torno da personagem histórica Eleonora de Olivar, Duquesa de Alba, descrita como uma mulher forte, que sempre possuía tudo o que queria, tanto por sua posição de destaque na corte, quanto por ser uma mulher de personalidade forte e atitudes inesperadas.

Depois de inúmeras tentativas e diversas promessas, finalmente a Duquesa de Alba encontra-se grávida e devido a uma promessa que fez para conseguir ficar grávida, pede para o duque a deixe fazer o caminho de Santiago de Compostela a pé, em honra de sua fé, que foi recompensada pelo com a dádiva da maternidade. Aqui, percebemos a importância da maternidade na vida da mulher e também a valorização da fé, pois é através de uma promessa que a duquesa teria conseguido a maternidade.

No entanto, o duque insiste em não deixá-la pagar a promessa, consumido pela preocupação que esse caminho poderia trazer para sua amada e seu filho. Durante o debate, o duque diz que ele voltar atrás é tão impossível quanto fazer rir o Conde de Girón. A duquesa, não acreditando no que acabara de ouvir, aceita a aposta, certo de que vai ganhar. Então Eleonora veste-se de rapaz para disfarçar-se durante a viagem, assim como a personagem Emma de “Cuby Amaya”. Atrás de uma maior segurança para viajar com trajes de homem, Eleonora segue seu caminhos, na tentativa de realizar o que havia apostado, fazer o rabugento conde sorrir. Com toda sua astúcia e inteligência, Eleonora acaba por fazer uma piada simples, mas tão engraçada que o Conde dá longas gargalhadas e seu marido deu-lhe o aval por ter vencido.

Temos aqui uma mulher decidida e corajosa, já por sua posição na sociedade, mas também em sua altivez na sua relação com o seu marido, já que não aceita ordens. Ela valoriza suas crenças, sendo muito forte a relação da mulher com o cristianismo

apresentada em forma de oração, promessa ou devoção. Neste sentido, a personagem feminina vai provar sua força e perspicácia ao convencer o marido de que não precisa seguir ordens e nem leis. O seu querer está subjugado sobre sua inteligência e habilidade de persuasão que faz parte de sua personalidade. Desta forma, a mesma possui o controle sobre a própria vida e a própria vontade, que vai caracterizá-la como uma personagem de atitude e referência para outras personagens mulheres que irão transgredir as leis masculinas que foram estabelecidas.

No conto “El lecho nupcial”, temos a presença de uma mulher que age conforme suas vontades e sem medir as consequências de seus atos, neste caso, diferentemente do conto anterior, não teremos uma mulher que saia vitoriosa, pois aqui a tragicidade e castigo das personagens femininas estará presente novamente.

O conto iniciará com duas amigas conversando e uma admite para a outra que faz parte de um triângulo amoroso, mas que quer acabar com um dos pretendentes, pois o mesmo não possui um poder aquisitivo acentuado. Elisa, antes de pensar no seu amor, pensava no dinheiro, caracterizando-lhe como uma mulher prática e que julgava as pessoas por seus bens materiais. Neste sentido, disse a Fernando, um de seus amantes, que apenas se casaria com ele se o mesmo lhe oferecesse um suntuoso quarto, com o maior luxo que poderiam oferecer. Como sabia que o rapaz jamais teria condições de tal empreendimento, pensava em humilhá-lo e mostrar que ele nunca mais a teria. Aqui vemos uma mulher que pensa no dinheiro, acima dos sentimentos e que não levará em conta o sentimento alheio, nem o que pensa seus pretendentes.

Elisa, como personagem feminina, vai mostrar-se totalmente alheia à opinião dos outros, valorizando somente o dinheiro e para mostrar que tem poder como mulher vai subjugar os homens a sua vontade e ao seu querer interesseiro e astuto. No entanto, Elisa nunca imaginou que suas atitudes, de quem só pensava em si, iriam acabar tocando fundo o coração de Fernando, homem o qual realmente lhe entregou seu coração e lhe amava de verdade. Há uma inversão de valores aqui, enquanto que na maioria dos outros contos, o homem é que irá enganar a mulher na tentativa de apenas usá-la para determinado fim, como para satisfazer seus desejos carnis e de ambição, aqui Elisa usa Fernando para lhe satisfazer, mas o descarta de forma fria e arrogante.

Então, é no momento em Elisa encontra-se viajando com o seu marido, pois a mesma se casa com alguém que tem muita riqueza, um homem lhe arrebatou a carruagem e, como meio de vingança, salta ao precipício abraçado a ela dizendo que aquele era o leito nupcial que tanto pedia e merecia.

O homem que assassina Elisa de forma tão brutal tirando a própria vida ao mesmo tempo é Fernando que acaba por enlouquecer de paixão por ter sido abandonado devido a sua falta de riqueza. Assim, fica evidente o castigo para aqueles que apenas vêm no dinheiro a sua forma de satisfação e uma crítica de Gorriti às mulheres interesseiras e que não valorizam os sentimentos verdadeiros.

Por último, o conto “Tres noches de una historia” trata novamente de um triângulo amoroso, em que irá se instalar a relação de perfídia, traição, tragédia e morte junto à decepção amorosa muito forte que sofre uma das personagens.

A história começa com Matilde que sofre por amar muito, porém tem que viver distante dele devido ao trabalho do mesmo, isso lhe causa medo, dor e sofrimento, como se algo já lhe dissesse que deveria desconfiar daquele amor, como um funesto presságio.

A jovem Matilde encontra-se grávida e, certa dos sentimentos de seu amado, aposta tudo em sua vida com ele, sacrifica tudo o que tem e o que pensa para viver aquele amor, aquele sentimento profundo ao qual se entregou sem reservas. No entanto, ela descobre somente depois é que seu amante ri de seus sofrimentos, profanando todo carinho que Matilde tem por ele e mostrando-se como um traidor e um infame que apenas queria usá-la.

Desta forma, as ideias de Matilde mudam e ela pensa apenas em ir atrás de seu amado e descobrir quais os segredos que ele guarda e o que ela pode fazer para vingar-se. Gorriti então faz uma referência a escritor Vitor Hugo e ao Romantismo, pois vai intitular a segunda parte do conto, como página escrita pelo autor, nesta parte ficará firmado a questão da infelicidade, da vingança e da morte.

Matilde viaja até Veneza onde descobriu que seu amado se encontra, o Conde que estava acompanhado pela Marquesa sua amante, jamais pensaria que Matilde estaria naquele lugar e que iria descobrir sua traição, porém a mesma estava mascarada e vestida de negro, com uma agilidade inigualável depositou um punhal no peito da amante do Conde que um dia havia sido seu amado.

Percebemos aqui então a valorização da imagem feminina como agente da ação, Matilde vai virar uma assassina, mas para lavar sua honra e vingar-se da dor de ter perdido a filha graças os sentimentos de tristeza e agonia que tomou conta dela ao descobrir que estava sendo enganada.

Após voltar ao lugar onde tudo começou, o Conde deparou-se com uma lápide com o nome de Matilde e de sua filha, então arrepende-se amargamente de seus erros, porém já era tarde demais, Matilde teve sua vingança, mas ao mesmo tempo morreu de tristeza,

pois foi duplamente castigada pela infâmia daquele amor, ficou sem seu companheiro e sem sua filha. Desta forma, então percebemos a relação de ação e castigo da mulher, Matilde foi atrás de seus sentimentos e vingou-se pela desgraça que lhe aconteceu, mas ao mesmo tempo que sujou suas mãos com a morte, cometeu o terrível destino da tragédia e da loucura.

Finalizando, aqui este capítulo, percebemos que apesar das personagens femininas possuírem atitude repletas de coragem e obstinação, Gorriti também vai mostrar que elas carregam consigo a imagem da tragédia, da morte e da decepção, pois não há finais felizes, em sua maioria, já que a vida real é repleta de verdades obscuras as quais, muitas vezes, não podemos evitar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sueño y realidades foi vista inicialmente de forma enriquecedora, no sentido de os contos nele inseridos serem de uma multiplicidade muito grande e que poderiam traçar vários caminhos de análise para diversos tipos de pesquisa.

Porém, percebeu-se que a presença e autonomia das personagens femininas nos contos era muito grande, da mesma forma que as questões políticas e sociais como os conflitos que estavam se estabelecendo na hispanoamérica do século XIX e o nacionalismo formavam parte marcante das narrativas e funcionavam como pano de fundo de muitas delas.

Desta forma, foi interessante analisar estas questões e como elas eram trazidas nas diversas narrativas da autora. Como Gorriti se posicionava a favor ou contra certos aspectos, sendo uma convicção sua ou apenas mostrando os dois lados de uma mesma ideia, foi o primeiro aspecto a ser observado e trabalho.

A partir das análises que foram feitas neste trabalho, em que foram discutidas várias questões referentes ao nacionalismo, à importância das personagens femininas e a relação das mesmas com a sociedade em estavam inseridas, podemos perceber um pouco da visão de Gorriti sobre como era a realidade no século XIX.

A relação do nacionalismo com a imagem da mulher, ou seja, como as personagens femininas relacionavam-se com a política, como tinham um ideal político determinado, como eram vistas, como acabaram sofrendo na sociedade e como se dava as relações através das quais as mulheres se relacionavam com outras mulheres, com os homens e sua família.

Percebemos então, ao longo deste trabalho, que o instinto nacionalista aparece de forma muito intensa, principalmente nos primeiros contos dos dois tomos de *Sueño y realidades*. A presença do indígena, tendo como presença principal a mulher descendente dos incas e sua relação de conflito com o homem branco aparece em destaque, pois buscar este nacionalismo é encontrar um herói e um heroína americano e apenas os indígenas podem ser considerados como povos pioneiros nas Américas.

A presença da índia que tem um relacionamento amoroso com o branco espanhol, gerando um descendente, vai destacar a questão da miscigenação, assim como a exploração e o desrespeito com a cultura indígena, já que os espanhóis se mantinham obcecados pela ganância e pela descoberta dos tesouros que os indígenas poderiam guardar.

Neste sentido, percebemos a importância de trazer a tona esse relacionamento entre indígenas e brancos, que irão ser mostrados como os que corrompem a terra americana e irão submeter o povo índio a situações de completo descaso, escravidão, humilhação e preconceito.

Outro aspecto muito importante que foi analisado foi a questão política e forte crítica aos conflitos civis a que Gorriti várias vezes se refere em seus contos. A disputa entre federalistas e unitaristas pelo poder aparece como pano de fundo para vários contos e este conflito é criticado por Gorriti, muitas vezes, por sido o motivo através do qual muitos inocentes morreram, muitas famílias padeceram e a maioria dos soldados foram dizimados, deixando para trás mulheres e filhos que, em sua maioria, ficavam passando necessidades e falta de suprimentos.

Gorriti irá evidenciar, na maior parte de seus contos, não a glória dos soldados e as batalhas vencidas, mas sim as derrotas e os assassinatos que aconteciam na época e apesar de manter sua visão e opinião centrada no lado unitarista, ela não deixou de narrar os horrores cometidos pelos unitários, sempre na busca pela vitória e no fim dos rivais.

Em diversos contos, unitaristas e federalistas lutam e Gorriti traz o amor para tentar unir os dois lados, porque é através da paixão proibida de um homem de um lado do conflito e a mulher ou o pai da mesma de outro que irá provocar as tragédias que provêm desses relacionamentos que o casal é condenado por estar em meio à guerra.

Por fim, na análise das personagens femininas, percebemos que, pela variedade e multiplicidade de temáticas nos contos, temos diversos tipos de mulheres com variadas e personalidades, mas que toda de uma forma ou outra acabam por transgredir as leis e os padrões tradicionais da época.

Nos contos de Gorriti, as personagens femininas têm voz e vontade própria, vão contra as leis que lhes são impostas e são donas dos próprios destinos, mudando por suas ações também a vida de seus familiares e amores. Por um lado, temos a imagem da mulher indígena que se apaixona perdidamente por um europeu, traindo as leis de sua raça; por outro, temos a presença de diversas mães que fazem de tudo para salvar seus filhos, roubam, matam e brigam pela salvação de seus filhos.

Em sua maioria, as mulheres nos contos de Gorriti mostram-se obstinadas a um ideal político e de vida, elas traem a sua própria família e suas tradições para irem atrás de seus sentimentos e vontades, sendo às vezes são castigadas por isso, em outras não,

mas sempre fazem de suas vidas o que querem, dentro dos limites óbvios impostos a uma mulher na América Latina do século XIX.

A imagem feminina que permeia todos os contos é de uma mulher forte que não tem medo de amar e ser amada, que se entrega ao amor carnal proibido e que se apaixona por homens com ideias diferentes das suas. A mulher narrada por Gorriti é uma mulher sofrida pelas constantes separações, traições e decepções, mas que não perde a esperança na sua força – ou na sua vingança – como guerreira para fazer pagar aqueles que lhe feriram

Juana Manuel Gorriti então, não vai finalizar suas narrativas sempre com final trágico, em que em sua maioria as mulheres morrem ou então ficam loucas, para que funcione apenas como um castigo para elas. A escolha é levantar uma crítica ao que realmente as mulheres transgressoras eram submetidas, à sociedade que queria calar as mulheres, mas que acabou por não conseguir, de fato, já que as denúncias de escritoras como Gorriti é que fazem refletir até hoje sobre as situações das personagens femininas que, apesar de estarem inseridas na ficção, têm muito do mundo real e de suas atitudes e pensamentos foram retirados de fatos verossímeis.

Não basta mostrar as atitudes das mulheres presentes nos contos de Gorriti e as consequências a que as mesmas as levaram, é preciso analisar a importância de suas ações e fazer uma reflexão do que podemos trazer para a atualidade e o que gostaríamos de deixar para trás. O mais importante é que não se deixe morrer as vozes femininas tanto das autoras como das personagens, porque ambas são frutos da sociedade que temos e semeamos todos os dias.

REFERÊNCIAS

Obras da autora

GORRITI, Juana Manuela. *Sueños y realidades*. Tomo I. Buenos Aires: Biblioteca de la nación, 1907.

_____. *Sueños y realidades*. Tomo II. Buenos Aires: Biblioteca de la nación, 1907.

_____. *Ficciones pátrias*. Buenos Aires: Editorial Sol, 2001.

Obras sobre a autora

BATTICUORE, Graciela. *El taller de la escritora*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1999.

_____. *Juana Manuela Gorriti: cincuenta y três cartas inéditas a Ricardo Palma*. Lima: Universidad de San Martín de Porres, 2004.

BUENO, Fernanda. Estórias de amor em tempos de represália: como Gorriti e Bemberg revivem o mito de Camila de O' Gorman. In: V Seminário Internacional Mulher e Literatura, 2011, Brasília. *Palavra e poder: representações literárias*. Brasília, Universidade de Brasília, jan. 2012, v.1, nº.1.

BURET, Florencia María. 1861: Juana Manuela Gorriti em la Revista Paraná. In: VIII Congreso Internacional de Teoría y Crítica Literaria Orbis Tertius, 2012, La Plata. *Anais*. Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria - IDIHCS/CONICET, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, 2012.

COROMINA, Irene S. El destino de la mujer transgresora en tres cuentos com desenlace fantástico de Juana Manuela Gorriti. *Espéculo. Revista de estudos literários*, Madrid, Universidade Complutense de Madrid, nº.43, 2009.

CRUZ, Clara Angélica Agustina Suárez. *O espaço feminino na escritura de Juana Manuela Gorriti e Martha Mercader*. Tese de Doutorado em Letras. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2005.

FLEMING, Leonor. *Juana Manuela Gorriti: el pozo de Yocci y otros relatos*. Madrid: Cátedra, 2010.

GUIDOTTI, Marina Liliana. Juana Manuela Gorriti, una periodista argentina del siglo XIX. *Revista Caracol*, São Paulo, v.2, Dossiê século XIX, 2011.

IGLESIA, Cristina. *El ajuar de la pátria: ensayos críticos sobre Juana Manuela Gorriti*. Buenos Aires: Feminaria, 1993.

LUNA, Félix. *Juana Manuela Gorriti*. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina, 1999.

MERCADER, Martha. *Juanamanuela mucha mujer*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1984.

ROYO, Amelia.(org). *Juanamanuela mucho papel*. Salta: Ediciones del Robledal, 1999.

Referencial teórico

CRUZ, Clara Agustina Suárez. Literatura e História na narrativa de autoria feminina. Os espelhos e as máscaras. *Revista de Literatura, História e Memória*, Foz do Iguaçu, v.4, nº.4, p 21-28, 2008.

GUARDIA, Sara Beatriz. (org). *Escritoras del siglo XIX en America Latina*. Lima: CEMHAL, 2012.

_____. *Literatura e escritura feminina na América Latina*. Disponível em: <www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/conferencias/SARA-TRADUZIDO.pdf>. Acesso em: 07 maio 2014.

FEITOZA, Tatiana Mariano. *Los Misterios del Plata: Literatura de autoria feminina e rosismo no século XIX na Argentina*. Dissertação de Mestrado em Literaturas Hispânicas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital 1848-1875*. 11ª Ed. Tradução Luciano Costa Neto Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *A era dos impérios 1875-1914*. 2ª Ed. Tdução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MASIELLO, Francine. (org). *La mujer y el espacio público: el periodismo femenino em la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria, 1993.

PRATT, Mary Louise. *Mulher, Literatura e irmandade nacional*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica as cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RENAN, Ernest. *O que é uma nação?* (1882). Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>. Acesso em 10 set. 2017.

RODRÍGUEZ, Rosana López. Um feminismo extraño. Las contradicciones del feminismo académico argentino contemporáneo a través de dos escritoras del siglo XIX. Disponível em: <http://www.apostadigital.com/revistav3/hemeroteca/ryrlop.pdf>. Acesso em 27 jun. 2016.

